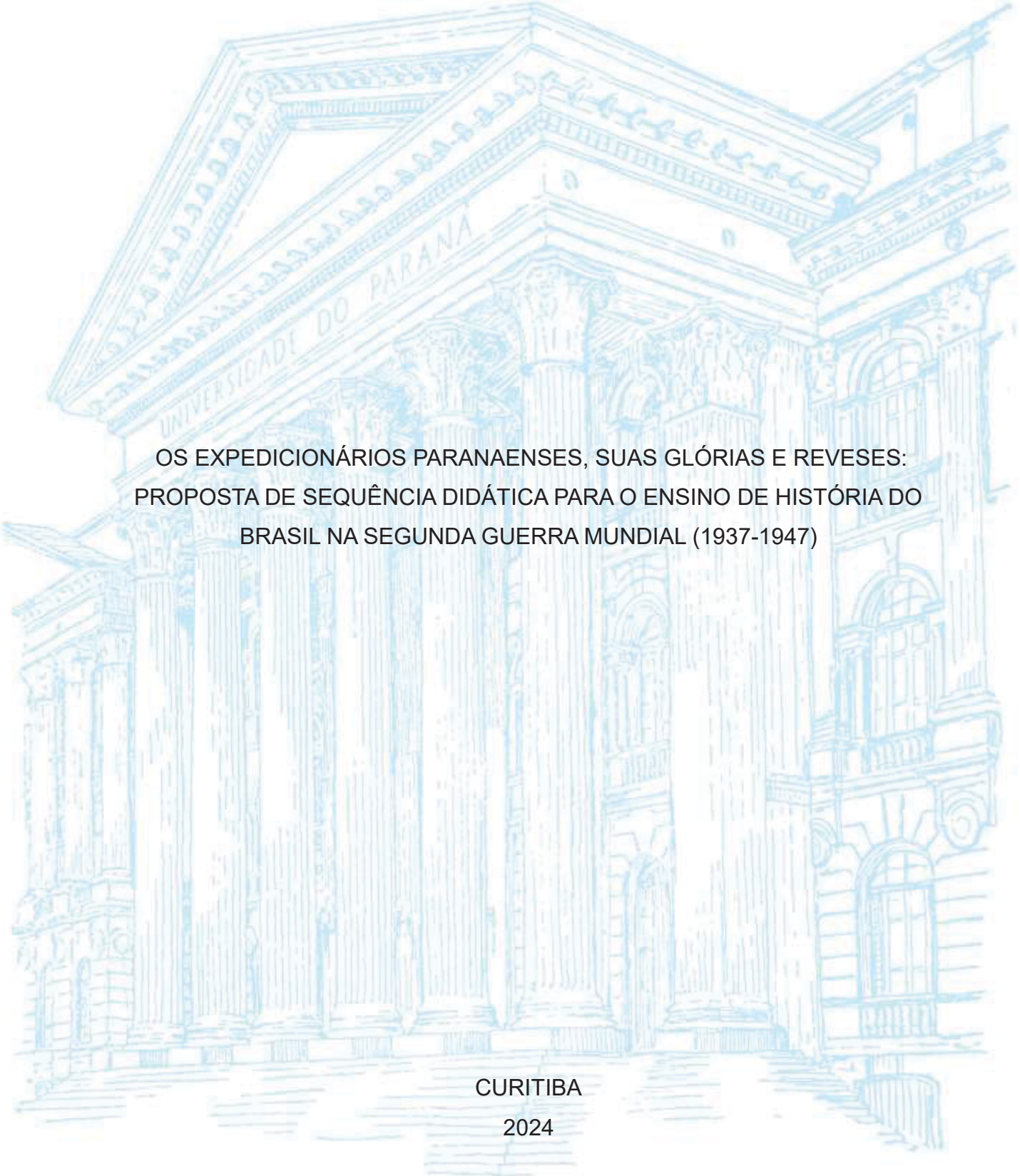


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JULIANE MORAES



OS EXPEDICIONÁRIOS PARANAENSES, SUAS GLÓRIAS E REVESES:
PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DO
BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1937-1947)

CURITIBA

2024

JULIANE MORAES

OS EXPEDICIONÁRIOS PARANAENSES, SUAS GLÓRIAS E REVESES:
PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DO
BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1937-1947)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Dennison de Oliveira

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Moraes, Juliane

Os expedicionários paranaenses, suas glórias e reveses: proposta de sequência didática para o ensino de história do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1937-1947). / Juliane Moraes. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Dennison de Oliveira.

1. História (Ensino fundamental) – Estudo e ensino. 2. Brasil. Exército. Força Expedicionária Brasileira. 3. Livros didáticos. 4. Memória coletiva. I. Oliveira, Dennison de, 1964-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Ensino de História. III. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação ENSINO DE HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **JULIANE MORAES** intitulada: **Os Expedicionários Paranaenses, suas Glórias e Reveses: Proposta de Sequência Didática para o Ensino de História do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1937-1947)**, sob orientação do Prof. Dr. DENNISON DE OLIVEIRA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 27 de Março de 2024.

Assinatura Eletrônica

28/03/2024 11:27:54.0

DENNISON DE OLIVEIRA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

28/03/2024 23:00:13.0

WILSON DE OLIVEIRA NETO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE)

Assinatura Eletrônica

28/03/2024 11:08:03.0

EDERSON PRESTES SANTOS LIMA

Avaliador Externo (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARANÁ - IFPR)

Dedico este trabalho à minha filha Nicole que, embalada pelos versos de Debussy,
me traz calma, vida, esperança e amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Ana, pelo amor e dedicação que guiaram meus passos até aqui.

A todos os amigos que me proporcionaram ricas experiências de vida, em especial às melhores amigas com quem tenho o privilégio de dividir a vida: Aletícia Rocha da Silva, Carla Izabel Amaro Brólia, Manuela Arruda dos Santos Nunes da Silva, Maria Aparecida Gomes de Almeida e Michele Valentim Moraes, ou simplesmente Alê, Carlinha, Manu, Cida e Mi, as maiores “medalhas” que a Olimpíada Nacional em História do Brasil me proporcionou.

Aos professores do PROFHISTÓRIA da UFPR, que compartilharam comigo os seus saberes, permitindo que minha visão de mundo fosse ampliada e melhorada.

Ao meu orientador Professor Doutor Dennison de Oliveira, pela paciência e atenção a mim dispensadas, e que muito contribuiu com minha formação pessoal e profissional.

À Nicole, minha filha, por fazer parte da minha vida, por me incentivar e auxiliar em todos os momentos.

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naquele cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...” (ALVES, R., 2000, p.5).

RESUMO

Apesar de relevante, a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial ainda não ganha o merecido destaque nos livros e materiais didáticos produzidos para a Educação Básica, tampouco se apresenta aos alunos o destino dos milhares de soldados da Força Expedicionária Brasileira no processo de reintegração às suas vidas civis. Nesse sentido, a presente dissertação desenvolve uma proposta de sequência didática para o Ensino de História no 9º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental da Educação Básica para o tema, em consonância com os objetivos educacionais, competências e habilidades descritos na Base Nacional Comum Curricular e no Currículo da Rede Estadual Paranaense. Ao apresentar fontes históricas produzidas por expedicionários paranaenses, contribui-se para a divulgação e compreensão de suas memórias, por meio das quais os alunos serão levados a conhecer fatos relevantes referentes à participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, bem como detalhes do cotidiano dos soldados brasileiros durante e após o fim do conflito, permitindo compreender em sua simultaneidade os fatos ocorridos em nível internacional, nacional e local.

Palavras-chave: Força Expedicionária Brasileira. Ensino de História. Memória.

ABSTRACT

Despite being relevant, Brazil's participation in the Second World War still does not receive the deserved relevance in the books and teaching materials produced for Basic Education, nor highlights, to students, the fate of the thousands of soldiers of the Brazilian Expeditionary Force in the process of reintegration into their civilian lives. In this sense, this dissertation develops a proposal for a didactic sequence for History Teaching in the 9th year of the final years of Basic Education for the topic, in line with the educational objectives, skills and abilities described in the National Common Curricular Base and in the Curriculum of the Paraná State Network. By presenting historical sources produced by expeditioners from Paraná, it contributes to the dissemination and understanding of their memories, through which students will be made aware of relevant facts relating to Brazil's participation in the Second World War, as well as details of the Brazilian soldiers' daily lives during and after the end of the conflict, allowing us to understand simultaneously the events that occurred at international, national and local levels.

Keywords: Brazilian Expeditionary Force, History Teaching, Memory.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – MODELO DA ATIVIDADE 1 PARA IMPRESSÃO (PARTE 1)	38
FIGURA 2 – MODELO DA ATIVIDADE 1 PARA IMPRESSÃO (PARTE 2)	39
FIGURA 3 - MODELO DA ATIVIDADE 1: COMPREENDENDO O DOCUMENTO...	40
FIGURA 4 - MODELO DA ATIVIDADE 1: CONTEXTUALIZANDO O DOCUMENTO	41
FIGURA 5 – DOCUMENTO DO RESUMO BIOGRÁFICO DE EX-COMBATENTES PARANAENSES	43
FIGURA 6 - MODELO DA ATIVIDADE 2 PARA IMPRESSÃO (PARTE 1)	47
FIGURA 7 - MODELO DA ATIVIDADE 2 PARA IMPRESSÃO (PARTE 2)	48
FIGURA 8 - MODELO DA ATIVIDADE 2 PARA IMPRESSÃO (PARTE 3)	49
FIGURA 9 - MODELO DA ATIVIDADE 2: COMPREENDENDO O DOCUMENTO...	50
FIGURA 10 - MODELO DA ATIVIDADE 2: CONTEXTUALIZANDO O DOCUMENTO	51
FIGURA 11 – DOCUMENTO DE SOLICITAÇÃO E ENCAMINHAMENTOS DA LPE	52
FIGURA 12 - DOCUMENTO DE ENCAMINHAMENTOS DA LPE	54
FIGURA 13 – MODELO DA ATIVIDADE 3 PARA IMPRESSÃO (PARTE 1)	58
FIGURA 14 – MODELO DA ATIVIDADE 3 PARA IMPRESSÃO (DOCUMENTO 1)	59
FIGURA 15 – MODELO DA ATIVIDADE 3: COMPREENDENDO O DOCUMENTO.	60
FIGURA 16 – MODELO DA ATIVIDADE 3 PARA IMPRESSÃO (DOCUMENTO 2)	61
FIGURA 17 – MODELO DA ATIVIDADE 3: COMPREENDENDO O DOCUMENTO	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIB	- Ação Integralista Brasileira
BNCC	- Base Nacional Comum Curricular
CREP	- Currículo da Rede Estadual Paranaense
FAB	- Força Aérea Brasileira
FEB	- Força Expedicionária Brasileira
LPE	- Legião Paranaense do Expedicionário
MEXP	- Museu do Expedicionário
QPM	- Quadro Permanente do Magistério
PR	- Paraná
RI	- Regimento de Infantaria
RCO	- Registro de Classe Online

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	O CONTEXTO DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	18
2.1	O GOVERNO VARGAS E A NEUTRALIDADE BRASILEIRA	18
2.2	A ENTRADA DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A FORMAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA	20
2.3	A FEB NO FRONT ITALIANO	23
2.4	A DESMOBILIZAÇÃO DA FEB, A REINTEGRAÇÃO SOCIAL DOS VETERANOS E A FORMAÇÃO DA LEGIÃO PARANAENSE DO EXPEDICIONÁRIO	25
3	AS MEMÓRIAS DOS EXPEDICIONÁRIOS PARANAENSES	27
4	SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1937-1947)	32
4.1	CARACTERIZAÇÃO	33
4.2	OBJETIVOS – RESULTADOS EDUCACIONAIS ESPERADOS	34
4.3	SEQUÊNCIA DIDÁTICA	34
4.4	PROPOSTA DE AVALIAÇÃO	35
4.5	ATIVIDADE 1: TREINAMENTO E ARMAMENTO DA FEB ANTES DO INÍCIO DOS COMBATES	35
4.6	ATIVIDADE 2: GLÓRIAS E HOMENAGENS AOS SOLDADOS PARANAENSES DA FEB	42
4.7	ATIVIDADE 3: DESMOBILIZAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E REINTEGRAÇÃO SOCIAL	52
5	CONCLUSÃO	63
	REFERÊNCIAS	65

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo discutir e problematizar memórias dos expedicionários paranaenses, no que diz respeito à sua participação na Segunda Guerra Mundial e aos anos posteriores à sua atuação nos combates na Itália nos anos de 1944 e 1945. Busca-se também compreender aspectos relacionados à sua reinserção na sociedade civil após a desmobilização da Força Expedicionária Brasileira (FEB), bem como a importância da Legião Paranaense do Expedicionário (LPE) nesse contexto.

Especialmente por ser uma temática bastante explorada em filmes e jogos que são populares entre os adolescentes, a Segunda Guerra Mundial é um dos conteúdos curriculares que mais despertam a atenção e a curiosidade entre os estudantes, especialmente os do 9º ano do Ensino Fundamental, já que esta temática está prevista no currículo.

No dia 16 de setembro de 2020, Félix Novak, o último veterano campolarguense faleceu de causas naturais, aos 99 anos de idade. O fato foi amplamente noticiado pela imprensa do município e teve repercussão nas redes sociais. Em razão disso, durante as aulas, surgiram muitos questionamentos por parte de meus alunos a respeito da participação de outros conterrâneos na FEB, especialmente em relação ao soldado Constantino Marochi, que teria sido o primeiro brasileiro a falecer em combate na Itália.

Essas indagações por parte dos estudantes, e a escassez de materiais didáticos sobre esse tema em específico, tornaram ainda mais urgente e necessária a minha busca, enquanto docente, por conhecer de que forma se deu a participação dos paranaenses na Segunda Guerra Mundial e como se constituíram as memórias desses pracinhas¹, bem como compreender como se deu a reintegração social desses ex-combatentes.

Tendo como ponto de partida as memórias produzidas pelos pracinhas paranaenses e documentos elaborados pela Secretaria de Assistência da Legião Paranaense do Expedicionário (LPE), pretende-se produzir uma sequência didática por meio da qual os alunos sejam levados a conhecer fatos relevantes referentes à

¹ O termo “pracinha” é comumente utilizado para se referir aos combatentes brasileiros que participaram da Segunda Guerra Mundial.

participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, bem como detalhes do cotidiano dos soldados brasileiros no pós-guerra, permitindo compreender em sua simultaneidade os fatos ocorridos em nível internacional, nacional e local.

Após mais de treze anos lecionando no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, tanto na rede pública como na privada, deparei-me com diferentes materiais didáticos produzidos por diferentes instituições e editoras, mas, com algo em comum: o pouco destaque dado à participação do Brasil naquele que foi o maior conflito do século XX.

Apesar de nos últimos anos percebermos na historiografia brasileira um crescente interesse a respeito da construção, preservação e divulgação da história e da memória social da FEB, as edições didáticas continuam relegando essa temática a um segundo plano. Um exemplo é o livro didático “História, sociedade e cidadania” de Alfredo Boulos (2018), adotado pelo Estado do Paraná e distribuído para toda a rede pública de ensino para as séries finais do Ensino Fundamental. O referido material didático apresenta a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial em apenas uma página, dando ênfase à declaração de guerra do Brasil à Alemanha. A formação da FEB é mencionada em um único parágrafo e apenas o nome do comandante General Mascarenhas de Moraes é citado, ignorando assim a importância dos soldados anônimos que atuaram no conflito.

Além do livro didático mencionado, os professores da Rede Estadual de Educação do Estado do Paraná têm à sua disposição planos de aula, slides e atividades no módulo de planejamento no Registro de Classe Online (RCO), organizados de forma a padronizar os temas, conteúdos, competências e habilidades a serem desenvolvidos trimestralmente para cada ano/série do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio nas escolas estaduais.

Assim, no planejamento do 9º ano do Ensino Fundamental II referente ao 2º trimestre, encontra-se disponível uma única aula (Aula 37: A ofensiva dos Aliados), na qual a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial é mencionada, em apenas duas telas da apresentação de slides. De maneira pontual, sem reflexão, crítica ou aprofundamento, o material apenas aponta para a neutralidade do Brasil no início do conflito, a motivação para a declaração de guerra, o envio da FEB e da FAB para o front italiano e o número total do efetivo enviado pelo Brasil. A participação dos paranaenses na composição da FEB, sequer é mencionada no referido material.

Já no planejamento referente ao 3º trimestre, em uma das aulas dedicada ao “nivelamento”, espécie de retomada de conteúdos realizada ao início de cada trimestre, há uma aula intitulada “Nivelamento: O Brasil na Segunda Guerra Mundial” (Aula N14). Aqui, apesar de termos um avanço frente às informações disponibilizadas em relação aos feitos da FEB em terras italianas, ainda não há problematizações ou aprofundamento na temática, tampouco se menciona a desmobilização da FEB logo após o fim da guerra e o retorno dos expedicionários ou o que lhes aconteceu após 1945.

Ainda, ao final dessa aula de nivelamento, em slide intitulado “Para saber mais”, é sugerida a visita virtual ao Museu do Expedicionário, entretanto, o link disponibilizado no material não dá acesso ao site do Museu, constando como indisponível².

Outro fator determinante para a escolha do tema do presente trabalho é o fato de que o município de Campo Largo – PR, localizado na Região Metropolitana de Curitiba e onde leciono desde o início da minha carreira docente, teve uma significativa participação na Segunda Guerra Mundial, enviando 38 combatentes, sendo que três deles faleceram em campanha.

Os expedicionários campo-larguenses já receberam diversas homenagens no município, sendo lembrados em nomes de várias ruas e de uma escola estadual, além de um “Monumento ao Expedicionário” no formato de um pequeno obelisco, localizado na Praça Atílio de Almeida Barbosa (2018), em frente à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade, no Centro de Campo Largo. Neste monumento, inaugurado em 21 de outubro de 1945, poucos meses após o fim da Guerra e o retorno dos expedicionários, lê-se em uma placa de bronze: “Símbolo de gratidão e homenagem aos Expedicionários Campolarguenses. Glória aos que tombaram na luta em defesa da liberdade, e do Brasil”. Logo abaixo, constam os nomes dos três soldados campo-larguenses que morreram no front italiano, sendo eles: Constantino Marochi, João Florindo Zaneti e José Domingues Pereira. A placa ainda ilustra o símbolo da FEB (uma cobra fumando) e também as datas alusivas ao fim da Guerra na Europa e no Pacífico.

² É possível realizar a visita virtual ao Museu do Expedicionário pelo site: <<https://museudoexpedicionario.5rm.eb.mil.br/index.php/tour-virtual>>, ou diretamente pelo link disponível em: <<https://my.matterport.com/show/?m=ZLRmq526JPc>>. Acesso em: <23 out. 2023>.

O Museu Histórico de Campo Largo, localizado na região central da cidade, também presta homenagem aos pracinhas campo-larguenses em uma de suas salas com uma exposição permanente que conta com objetos, fotografias e documentos pessoais dos ex-combatentes. Cobrindo uma das paredes dessa sala há um grande painel de azulejos, de autoria de Jorge Omar Pagano, com ilustrações que remetem à participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e apresenta os nomes dos campo-larguenses que integraram a FEB.

Como se trata de um pequeno museu, essa sala chama a atenção dos visitantes não apenas por ser a mais bem organizada, mas também por inserir os campo-larguenses em um dos eventos mais importantes da História mundial recente, o que desperta a curiosidade e gera um sentimento de reconhecimento e gratidão àqueles que lutaram em terras estrangeiras no combate ao nazi-fascismo.

A sequência didática produzida como resultado da presente pesquisa, enquanto instrumento didático busca valorizar o aluno enquanto sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem por meio da leitura e interpretação de fontes históricas e está orientada para o atendimento à legislação vigente, no que diz respeito aos conteúdos, objetivos de aprendizagem, competências e habilidades exigidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Fundamental, na habilidade EF09HI13³ (Brasil, 2018, p. 430), bem como, ao Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP), no objeto de conhecimento PR.EFO9HI13.a.9.15⁴ (Paraná, 2021, p. 34).

Dessa maneira, pretende-se com este trabalho produzir um material para uso de professores e estudantes da Educação Básica, buscando suprir a carência de materiais relativos à participação do Brasil, e em especial dos paranaenses, na Segunda Guerra Mundial. No que se refere especificamente ao meu município de atuação, o material proposto permitirá estabelecer e problematizar as ligações da realidade local com os eventos em escala mundial relacionados ao Segundo Grande Conflito.

No primeiro capítulo do presente trabalho, abordaremos o contexto da entrada e participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, bem como a formação

³ Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: <16 set. 2023>.

⁴ Currículo da Rede Estadual Paranaense. Disponível em: <https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-05/crep_historia_2021_anosfinais.pdf>. Acesso em: <16 set. 2023>.

da Força Expedicionária Brasileira e o envio de tropas para combater na Itália. Ainda trataremos da desmobilização da FEB e a posterior reintegração social dos ex-combatentes, destacando a formação e atuação da Legião Paranaense do Expedicionário. Por meio do levantamento de dados, análise e interpretação de documentação produzida pela Secretaria de Assistência da LPE, evidenciaremos quais foram as principais dificuldades enfrentadas pelos veteranos no retorno às suas vidas civis e de que forma encontraram o auxílio e suporte necessário na LPE.

Já o segundo capítulo tratará de questões teórico-metodológicas relativas à História Militar e às memórias produzidas pelos expedicionários, destacando a disputa pela memória da FEB e também a importância das Associações de ex-combatentes, como por exemplo a Legião Paranaense do Expedicionário, tanto pelo seu papel de assistência e amparo para efetivação dos direitos devidos aos veteranos, como também por se tornarem espaços de construção de memórias.

O terceiro e último capítulo, apresentará o desenvolvimento de uma sequência didática que retrata três momentos distintos da FEB, sendo eles: a preparação para os combates; o reconhecimento à bravura e aos feitos da FEB e, por fim, as dificuldades de reintegração dos veteranos à vida civil, com detalhamento do produto final desenvolvido e sugestões de aplicação.

2 O CONTEXTO DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

2.1 O GOVERNO VARGAS E A NEUTRALIDADE BRASILEIRA

Em se tratando da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, é imprescindível a compreensão das relações entre Brasil e Alemanha, entre Brasil e Estados Unidos e do próprio regime político vigente naquele período, a Ditadura do Estado Novo (1937-1945).

Esta ditadura teve início com um Golpe de Estado deflagrado pelo então presidente da República, Getúlio Vargas, o qual usou como pretexto uma forjada ameaça comunista de tomada de poder, o Plano Cohen. Com o apoio das oligarquias regionais, do Exército e da Ação Integralista Brasileira (AIB), Vargas instaurou o Estado de Sítio e cancelou as eleições presidenciais, mantendo-se assim no governo do país.

O regime autoritário imposto por Vargas, inspirado nas ditaduras nazifascistas vigentes na Europa, expressava forte influência do pensamento eugênico, racista e antisemita, além do projeto comum de combate ao comunismo, em consonância com a ideologia daqueles regimes totalitários.

Outro aspecto importante de aproximação destes regimes ditatoriais, diz respeito às fortes relações de comércio estabelecidas entre eles, principalmente após a Crise de 1929 e, a partir de 1933, com a chegada dos nazistas ao poder. A partir de 1935, importantes acordos comerciais são firmados entre Brasil e Alemanha, com um regime de trocas comerciais diretas de mercadorias, sem o uso de dinheiro, ouro ou prata como pagamento. O Brasil remetia produtos para a Alemanha (matérias-primas principalmente) e a Alemanha pagava ao Brasil com produtos industrializados, ampliando assim o comércio entre as duas nações, o que tornou a Alemanha a maior parceira comercial do Brasil, inclusive no fornecimento de armas.

Mesmo antes do início da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos já buscavam uma aproximação maior com o Brasil e os demais países latino-americanos e, a partir de 1932, mudaram sua relação com a América Latina, pondo fim à política intervencionista do Big Stick e investindo na famosa “Política da Boa Vizinhança”, visando uma aproximação política, econômica e cultural com os seus vizinhos americanos.

Esta aproximação ganha força com a Conferência de Buenos Aires, realizada em 1936 na Argentina, a qual reuniu Ministros das Relações Exteriores dos países americanos. Durante a Conferência, foram definidos os princípios da solidariedade hemisférica e da defesa continental, ideia segundo a qual todos os países da América deveriam ser solidários entre si em caso de agressão e de que, no caso de país americano sofrer um ataque, isso seria considerado um ataque a todos os países americanos. Estes dois princípios adotados deixam implícita a formação de uma aliança militar continental, mesmo antes da Guerra ter início.

Em 1939, quando teve início a Segunda Guerra Mundial, O Brasil adotou uma política de neutralidade em relação ao conflito. Ironicamente, naquele momento político, o Brasil ainda vivia sob a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas, apresentando muito mais pontos em comum com a ideologia dos governos fascista da Itália e nazista da Alemanha do que com os valores democráticos defendidos pelas potências Aliadas.

Vale ressaltar que, mesmo não possuindo um poderoso exército, em um contexto de guerra, o Brasil poderia contribuir de forma considerável, a um ou outro lado, não só no fornecimento de matérias-primas e produtos agrícolas, mas principalmente devido à sua posição geográfica estratégica, uma vez que o litoral do Nordeste brasileiro é o ponto mais próximo, na América, do Continente Africano, além de possibilitar o patrulhamento do Atlântico Sul (Bonalume Neto, 1995, p. 34, p. 350).

A posição geográfica estratégica do Brasil ganha ainda mais importância a partir de outubro de 1940, quando os países do Eixo dominam o Norte da África, despertando o temor de uma invasão alemã no Nordeste brasileiro, o que abria a possibilidade de um ataque ao Canal do Panamá, “ameaçando a circulação de bens e materiais estratégicos latino-americanos para os Estados Unidos e destes para seus aliados em todo o mundo” (Ferraz, 2005, p.14).

Assim como o Brasil, vários países americanos buscaram manter uma política de neutralidade no início do conflito, como demonstram os encontros de chanceleres das Américas, ocorridos em 1939, na Argentina, e em 1940, em Havana. Neste segundo encontro, apesar do discurso de manutenção da neutralidade, reiterou-se que todo atentado a uma nação americana seria considerado um ato de agressão à América como um todo.

Apesar das tentativas do governo varguista em manter-se neutro e tentar tirar proveito da situação, após o ataque japonês a Pearl Harbour (dezembro de 1941) e a conseqüente declaração de guerra dos Estados Unidos aos países do Eixo, as pressões estadunidenses para uma tomada de posição por parte do governo brasileiro foram intensificadas, em especial com a realização da conferência dos chanceleres realizada no Rio de Janeiro em 15/01/1942, contribuindo para que, assim como outros países latino-americanos, o Brasil rompesse oficialmente suas relações diplomáticas com o Eixo em 28/01/1942 (Ferraz, 2003, p. 47).

2.2 A ENTRADA DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A FORMAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

Apesar de algumas embarcações brasileiras terem sido alvo da guerra submarina do Eixo entre fevereiro e agosto de 1942, foi somente com o torpedeamento de navios mercantes em águas brasileiras causando a morte de centenas de pessoas, e as conseqüentes manifestações e protestos públicos por parte da população brasileira é que Getúlio Vargas decidiu pela declaração formal de guerra aos países do Eixo, em 22 de agosto de 1942 (Ferraz, 2012, p.47).

Pouco após a entrada do Brasil na guerra, inicia-se a discussão a respeito do envio de tropas brasileiras para o front, apesar de desestimulada por algumas autoridades aliadas. Entretanto, como aponta Ferraz, “o governo brasileiro insistiu no envio de uma força expedicionária, pois além da reparação do ultraje queria melhorar sua posição internacional na mesa de negociações do pós-guerra” (Ferraz, 2005 p. 43).

Assim, em janeiro de 1943, fica acertada a participação das tropas brasileiras na guerra sem, contudo, uma definição de local para onde seriam enviadas essas tropas. Inicialmente, discutiu-se a possibilidade de as tropas brasileiras ocuparem as Ilhas da Madeira e dos Açores, ideia posteriormente abandonada.

A Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi oficialmente criada em agosto de 1943, mas apenas em julho de 1944 os primeiros soldados são enviados para o front na Itália, onde atuaram no IV Corpo de Exército, subordinado ao V Exército dos Estados Unidos, participando de seus primeiros combates em 15 de setembro de 1944. No total, foi enviado um efetivo de 25.000 homens, metade deles compondo a

1ª. Divisão de Infantaria Expedicionária, e a outra metade órgãos de apoio (Oliveira, 2011).

Inicialmente, o governo brasileiro cogitou enviar um contingente de 100 mil combatentes para lutar na Europa, algo que não se concretizou, como evidenciado no parágrafo anterior. No início da década de 1940, o Exército Brasileiro tinha menos de 100 mil homens em seus quadros, portanto, era necessário contar com voluntários e também com a convocação compulsória de reservistas para que fosse possível compor a Força Expedicionária Brasileira.

Entretanto, recrutar tantos homens em pouco tempo não seria uma tarefa fácil devido a uma série de fatores, que vão desde questões relacionadas a pouca instrução escolar até problemas de saúde das tropas, passando pela dificuldade de organização militar do Brasil.

Assim, os critérios de seleção que inicialmente eram rigorosos precisaram ser relaxados para que fosse possível o recrutamento das tropas necessárias para formação da FEB, já que boa parte dos convocados representava a população brasileira mais atingida pelos problemas socioeconômicos históricos no país.

Era necessário recrutar um grande número de especialistas para a formação de um exército nos moldes da FEB, entre eles motoristas, médicos, engenheiros, operadores de rádio, etc., o que exigia um determinado nível de escolaridade e instrução técnica que se concentrava em algumas regiões do Brasil e não se encontrava acessível para a maioria da população.

Ainda, de acordo com Cezar Campiani Maximiano (2010) e Ricardo Bonalume Neto (1995), as exigências iniciais para a incorporação na FEB, atingindo a classe “Especial” indicavam um aumento no padrão de saúde, dentição em bom estado, 1.60 m de altura e grau de instrução mínimo de 4ª série primária para praças. As dificuldades em atender a esses critérios proporcionaram a incorporação de uma grande quantidade de reservistas considerados de 2ª classe.

Outro aspecto social e histórico do Brasil observado na composição da FEB é que ela foi a única tropa racialmente integrada a combater na Segunda Guerra Mundial, algo que chamava a atenção uma vez que os britânicos ainda mantinham o uso de unidades coloniais e os estadunidenses segregavam suas tropas de acordo com as leis de segregação racial do seu país.

Algo que também chama a atenção na composição da FEB é a participação de centenas de descendentes de alemães nascidos no Brasil, como apontam Durval

Lourenço Pereira (2015, p. 50) e Dennison de Oliveira (2008, p. 59). A imigração de alemães para o Brasil teve início logo após a Proclamação da Independência do Brasil, tendo seu auge no início do Período Republicano, em especial nos anos seguintes à Primeira Guerra Mundial, estabelecendo-se, principalmente, nos Estados da Região Sul do Brasil, o que gerava até mesmo desconfianças por parte da elite e do governo brasileiro a respeito da lealdade desses imigrantes e seus descendentes ao Brasil.

Essas desconfianças provinham das próprias características da colonização germânica no Brasil que, em especial no Sul do país, constituíram-se em comunidades endógenas e pouco integradas à cultura brasileira, muitas vezes formando colônias isoladas e homogêneas em regiões distantes dos grandes centros urbanos, nas quais muitos falavam apenas o idioma alemão.

Além disso, as ideias e iniciativas da Liga Pangermânica, a partir do final do século XIX, e posteriormente a ideologia do Partido Nacional-Socialista, pregavam a formação de uma “Grande Alemanha”, que englobava inclusive os alemães e seus descendentes que viviam em outros territórios há gerações, sendo assim, os filhos de alemães, também seriam alemães, independente do seu local de nascimento e deveriam, portanto, se alistar nas forças armadas alemãs, como indicam as leis de recrutamento impostas pelo regime nazista em 1935.

Apesar da influência e do esforço nazista e até mesmo da participação de alguns brasileiros no Exército Nazista, ainda assim, estima-se que aproximadamente 3% do efetivo da FEB foi composto de brasileiros de origem germânica, destacando-se entre eles o paranaense Max Wolf Filho, filho de pai austríaco e mãe brasileira, considerado um dos maiores heróis da FEB.

A demora na organização e no recrutamento de soldados para a FEB é apontada também como fator que contribuiu para as dificuldades e o pouco tempo disponível para o treinamento da tropa antes do envio para o front.

O General João Batista Mascarenhas de Moraes, nomeado Comandante da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, responsável pelo treinamento e equipamento dos combatentes brasileiros, somente

[...] pôde contar com uma divisão completa sob seu comando em dezembro de 1943, mas somente em março de 1944 seriam reunidas todas as unidades no Rio de Janeiro, e o 6º Regimento de Infantaria, primeira unidade divisionária a combater, embarcou para a Europa em julho de 1944 (Maximiano, 2010, p. 43).

Além do tempo insuficiente para o treinamento das tropas, outra dificuldade apontada pela historiografia e também nos relatos dos expedicionários, é a ausência de armas americanas no período de instrução, as quais seriam entregues às tropas brasileiras somente no teatro de operações. Ainda, as poucas armas enviadas pelos americanos disponíveis no Brasil para a familiarização das tropas, tinham seus manuais de instrução em inglês, o que exigiu um esforço para a sua tradução e divulgação para as unidades expedicionárias (Maximiano, 2010, p. 43-44).

Vencidos, ou parcialmente vencidos, esses problemas de ordem prática, outro obstáculo se apresentava ao treinamento necessário às tropas da FEB, esse, de ordem tática: O Exército Brasileiro havia sido treinado, anteriormente à Segunda Guerra Mundial, por uma missão militar francesa, com uma tendência à defesa, o que se demonstrou como uma concepção de guerra antiquada e inapropriada para os combates ofensivos característicos da Segunda Grande Guerra. A mentalidade do Exército Brasileiro só foi abandonada plenamente após as ações ofensivas vitoriosas da FEB na Itália (Bonalume Neto, 1995, p. 139).

Quase dois anos após a declaração de guerra do Brasil à Alemanha, superando parcialmente as adversidades e a descrença de muitos, finalmente, em 2 de julho de 1944, o primeiro escalão da FEB parte rumo à Guerra na Europa a bordo do navio americano USS General Mann. Para aqueles que diziam que “era mais fácil ver uma cobra fumando do que ver o Brasil combatendo na Guerra”, enfim, “a cobra fumou”.

2.3 A FEB NO FRONT ITALIANO

Um dos primeiros impactos sentidos pelos soldados brasileiros ao chegarem aos campos de batalha, sem dúvida, foi a adaptação ao clima e paisagens italianas. Vindos de um país tropical e sem grandes cordilheiras, os brasileiros enfrentaram muita neve, um fenômeno raro no Brasil, em um dos piores invernos da década. Além disso, lutariam em terrenos montanhosos, o que dificultava os movimentos e avanço das tropas.

No dia 15 de setembro de 1944, o primeiro regimento da FEB, o 6º Regimento de Infantaria (6º RI), iniciou suas operações incorporado ao 4º Corpo do 5º Exército

Americano, operando contra a Linha Gótica na região do vale do rio Serchio. Apesar das incursões bem-sucedidas da FEB, o batismo de fogo e as primeiras semanas de combates provocaram a morte de 30 brasileiros, entre eles o Soldado Constantino Marochi, natural do Município de Campo Largo –PR.

Em novembro do mesmo ano, já com a chegada de mais unidades da FEB, os brasileiros foram designados para substituir topas americanas no vale do Rio Reno, de onde deveriam partir para a conquista de Monte Castelo, um pico que estava sob domínio dos alemães, os quais estavam em vantagem devido à posição geográfica favorável, já que do alto, poderiam facilmente avistar e refutar os inimigos que tentassem avançar. Somente após quatro tentativas mal sucedidas, a FEB finalmente obteve sucesso na conquista de Monte Castelo no mês de fevereiro de 1945.

Apesar de celebrada como uma das mais importantes conquistas da FEB, Monte Castelo não se constituiu como o maior desafio dos pracinhas em terras italianas. A tomada de Montese, em abril de 1945, se mostraria uma missão ainda mais difícil e perigosa. Se antes o desafio era avançar montanhas acima, agora as batalhas ocorreriam em ambiente urbano, entre vielas e becos. Apesar de mais uma campanha vitoriosa para a FEB, os custos humanos foram altos: foi ali que ocorreu o maior número de baixas brasileiras, entre elas, a do Sargento paranaense Max Wolf Filho, considerado um dos heróis brasileiros na Segunda Guerra Mundial.

Ainda no mês de abril, a FEB obteve a rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã, em Fornovo di Taro, fazendo aproximadamente 15 mil prisioneiros e apreendendo grande quantidade de material bélico (Ferraz, 2012, p. 84). A captura de uma divisão inteira era algo pouco comum na guerra na Itália e rendeu muitos elogios e reconhecimento à FEB por parte dos americanos.

Do batismo de fogo ocorrido em meados de setembro de 1944, passando principais batalhas que contaram com a participação dos brasileiros, tais como as conquistas de Monte Castelo, Montese e Fornovo, a FEB trava a guerra até a rendição final dos exércitos alemães e italianos na Itália, em 02 de maio de 1945 e termina a guerra com uma ótima reputação, de unidade militar competente e profissional.

2.4 A DESMOBILIZAÇÃO DA FEB, A REINTEGRAÇÃO SOCIAL DOS VETERANOS E A FORMAÇÃO DA LEGIÃO PARANAENSE DO EXPEDICIONÁRIO

Após o fim da Segunda Guerra Mundial na Europa, a FEB permaneceu na Itália ocupando militarmente o território conquistado por cerca de três meses, mas sua desmobilização teve início ainda em terras italianas, sendo extinta em 16 de julho de 1945. Já o retorno dos últimos soldados, ocorreu apenas em outubro do mesmo ano.

Em julho de 1945 a FEB é dissolvida, antes mesmo do retorno das tropas ao Brasil, e seus membros são devolvidos à vida civil, já que a maioria dos expedicionários não compunha os quadros permanentes do Exército Brasileiro. Tomando como exemplo o estado do Paraná, entre os 1542 indivíduos nascidos no Estado recrutados para a FEB, apenas 80 eram militares de carreira, os demais eram civis.

A chegada do primeiro escalão da Força Expedicionária Brasileira ao Rio de Janeiro, então capital federal, ocorreu em 22 de julho de 1945 e foi marcada por um clima de festa, de reconhecimento e de gratidão àqueles soldados que venceram os inimigos em uma guerra em terras estrangeiras. A recepção dos ex-combatentes paranaenses em Curitiba também foi calorosa e contribuiu para a construção de um ideário de heroísmo do povo do Paraná, tendo como seu maior exemplo o Sargento Max Wolf Filho, um dos paranaenses que faleceu em combate (Amaral, 2001, p. 18).

Após esses momentos iniciais de festividades, a realidade vivida pelos febianos tornara-se bem mais sombria e incerta. As promessas feitas pelo governo antes da partida para a Itália não haviam se concretizado e o sentimento de abandono e de desamparo era constante entre aqueles que tanto haviam sacrificado em nome do Brasil e da luta contra o nazifascismo.

Logo após o retorno, os ex-combatentes foram proibidos de fazer manifestações públicas e celebrações das conquistas vivenciadas no front italiano, além de também serem proibidos de fazer uso do uniforme e dos símbolos da FEB, atingindo duramente a identidade desses veteranos.

Somente no ano de 1947 foram criadas as primeiras leis de amparo aos ex-combatentes e que previam a reforma e também pensões a quem esteve nas Forças Armadas, entretanto, muitos veteranos sequer tomam conhecimento desses direitos,

já que muitos viviam em áreas rurais distantes dos grandes centros e com pouco acesso à informação.

Como muitos haviam retornado da guerra com ferimentos e sequelas, tanto físicas quanto psicológicas, o retorno ao trabalho e à vida civil mostrou-se muito mais difícil do que o esperado. Sem o esperado amparo por parte do governo do Brasil, os próprios ex-combatentes começam a organizar associações nas quais podiam apenas reforçar os laços de companheirismo e identidade forjados no front, mas também construir uma rede de apoio e solidariedade a fim de auxiliar os febianos a acessar e efetivar os seus direitos, ou que passavam por dificuldades referentes à saúde, empregabilidade, questões econômicas e jurídicas, promovendo e auxiliando a reintegração social dos veteranos.

3 AS MEMÓRIAS DOS EXPEDICIONÁRIOS PARANAENSES

Mesmo que por muito tempo negligenciada pela historiografia, a temática da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, as memórias construídas pelos pracinhas e o processo histórico de reintegração social dos ex-combatentes têm despertado o interesse de muitos pesquisadores nos últimos anos. Entretanto, verifica-se ainda uma série de lacunas no que diz respeito aos paranaenses que tomaram parte no conflito, e também na inclusão desses temas em materiais didáticos, paradidáticos e pesquisas relacionadas ao Ensino de História.

No que diz respeito à inserção da temática da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial nos livros e materiais didáticos, em artigo intitulado “Os livros didáticos e a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial”, após a análise de 45 títulos de manuais escolares de História do Brasil e 19 títulos de História Geral, publicados entre os anos de 1946 e 1997, Ferraz aponta que o espaço dedicado ao tema da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial foi, com o passar dos anos, diminuindo progressivamente e perdendo o lugar de destaque que ocupou logo após o fim da guerra para ser reduzido a poucos parágrafos que apresentam apenas as informações mais básicas (Ferraz, 2010, p. 11–39).

Aqui cabe ressaltar que ao propormos o estudo das memórias de pracinhas paranaenses e da sua reintegração social para a compreensão da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, não pretendemos exaltar a história dos “grandes feitos e dos grandes homens” e sim construir o conhecimento histórico dando visibilidade a personagens periféricos a partir das suas experiências e memórias construídas durante e posteriormente ao conflito. Quebra-se assim um importante paradigma ao valorizar a experiência desses indivíduos nesse importante evento histórico, dando ênfase à compreensão de como as grandes decisões tomadas naquele contexto, incidiram sobre a vida dos jovens paranaenses que combateram na Itália, bem como repercutiram na sociedade paranaense e brasileira daquele período.

A fim de se definir a fundamentação teórica para o presente estudo, é fundamental estabelecer a relação entre História e Memória, bem como

compreender de que maneira a memória coletiva é construída e ressignificada pelos diferentes agentes de memória.

Um dos pioneiros nos estudos a respeito da memória coletiva, Maurice Halbwachs afirma que toda memória individual é também coletiva, uma vez que as lembranças são construídas, reconstruídas, ressignificadas e modificadas a partir da convivência em grupo. Partindo desse pressuposto, Michael Pollack (1992) discorreu sobre os elementos constitutivos da memória, destacando que, além dos acontecimentos vividos pessoalmente, também aqueles vividos pelo grupo ou por uma coletividade à qual a pessoa sente pertencer, contribuem na construção das memórias, tendo o indivíduo participado diretamente dele ou não. Cabe destacar que a esses acontecimentos vividos “por tabela”

[...] vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorre um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (Pollak, 1992, p. 200-215).

Dessa forma, a memória constitui-se de representações de realidades concretas, vividas direta ou indiretamente por agentes históricos concretos, sendo a sua produção marcada por práticas como assimilação e negociação e até mesmo conflitos, ora velados, ora públicos.

Jacques Le Goff (1990) faz referência à história como uma manifestação científica da memória coletiva, uma vez que ela é também uma apropriação seletiva de fatos e vestígios do passado, organizados a partir de um método que busca a compreensão dos mecanismos de lembrança e esquecimento que constroem as identidades e caracterizam o fazer histórico.

Nesse sentido, para Ferraz, “o esforço para recompor a relação entre passado e presente” seria o elemento fundamental da memória (Ferraz, 2003, p. 14). Esse esforço não está restrito apenas aos que vivenciaram os fatos narrados, mas fazem parte de uma memória de grupo, à qual soma-se o trabalho dos historiadores em um esforço para a sistematização dessas lembranças com regras e métodos de seleção documental, objetivando assim a construção de uma “memória histórica” (Halbwachs, 1990, p.23). Essa memória histórica aproxima-se em alguns aspectos da memória social e em outros se distancia. Como pontos de divergência

podemos concluir que enquanto a primeira busca a objetividade, a ruptura e uma relação de exterioridade com o passado, a segunda busca a continuidade e a permanência entre o passado e o presente, sendo constituída pela memória espontânea dos grupos sociais.

Como aspectos de aproximação, podemos observar que há complementaridade entre memória histórica e memória social, uma vez que boa parte das memórias sociais recebem a contribuição de historiadores e também se reconhece o alcance das memórias sociais na historiografia.

Nos estudos historiográficos que tem os veteranos de guerra como objeto, Ferraz destaca duas vertentes principais, sendo a primeira correspondente a uma “história da memória da guerra”, a qual objetiva não apenas compreender como os ex-combatentes recordam o conflito do qual participaram, mas também os significados da guerra para si, para seus contemporâneos não combatentes e também para a posteridade. Já a segunda vertente, caracteriza-se como uma “história social dos veteranos de guerra”, visando compreendê-los como sujeitos sociais após o fim do conflito, bem como a desmobilização das tropas e a sua reinserção na sociedade.

No caso da construção da memória dos ex-combatentes brasileiros que participaram da Segunda Guerra Mundial, é imprescindível compreender de que forma o cidadão-soldado retornou para uma sociedade formada por milhões de não combatentes que, apesar de não ter vivenciado o conflito de forma direta, ainda assim construiu ideias e representações a respeito da guerra e da participação de seus jovens no conflito. Dessa forma, a integração social dos pracinhas dependeu não somente dos fatores conjunturais (relacionados à desmobilização), mas também “de como a sociedade o percebe e à guerra em que lutou” (Ferraz, 2003, p. 21).

Ainda, segundo Ferraz, “a construção da memória social da guerra depende das ações individuais e coletivas de seus veteranos, e de suas relações com o resto da sociedade” (Ferraz, 2003, p. 22). Sendo assim, as Associações de ex-combatentes constituíram-se como importantes agentes de memória, uma vez que a construção da memória dos pracinhas não se restringiu somente à luta para que seus feitos e suas histórias não caíssem no esquecimento, mas foi, sobretudo, uma luta por dignidade e pela própria sobrevivência material. Como após a desmobilização da Força Expedicionária Brasileira (FEB) muitos pracinhas viram-se desamparados e enfrentando muitas dificuldades para se reinserirem na sociedade,

acabaram por encontrar nessas Associações, além do amparo necessário para a efetivação dos direitos devidos aos ex-combatentes, também um espaço para compartilhar memórias com os seus iguais.

Nesse sentido, destaca-se a Legião Paranaense do Expedicionário (LPE) fundada em Curitiba-PR no ano de 1946 e, posteriormente, a Casa do Expedicionário, inaugurada em 1951. Inicialmente com o objetivo de promover a reintegração dos veteranos à sociedade, oferecia-se assistência médica, econômica, social e jurídica. Aos poucos, esse espaço tornou-se também um local de materialização, guarda e transmissão das memórias dos febianos, já que, além de tornar-se um ponto de encontro e apoio, muitos dos expedicionários ali atendidos doavam peças históricas à LPE, formando um pequeno museu em uma das salas do prédio da Casa do Expedicionário.

O aumento da doação de objetos históricos somado à diminuição das demandas sociais por parte dos veteranos culminou com a inauguração do Museu Tenente Max Wolf Filho, mais conhecido como Museu do Expedicionário (MEXP), em 1980, no mesmo edifício que abrigou a Casa do Expedicionário.

Tanto a Legião Paranaense do Expedicionário quanto o Museu do Expedicionário, continuam a contribuir na construção de uma Memória Institucional relativa à participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Como aponta Maria do Carmo Amaral em sua dissertação intitulada “O Museu do Expedicionário: um lugar de memórias”: “Para o grupo, preservar, significa antes de tudo a sua própria inserção dentro de uma história oficial, recuperando um sentido para a sua existência” (Amaral, 2001, p. 126).

Em sua tese de doutorado intitulada “Em luto e luta: construindo a memória da FEB” (Ribeiro, 2013, p. 301), Patrícia da Silva Ribeiro investigou a disputa de memória a respeito da participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Segunda Guerra Mundial analisando fontes escritas, com destaque para diários e correspondências pessoais dos pracinhas, e também fazendo uso de fontes orais, realizando entrevistas com alguns veteranos.

Já o artigo “Histórias de pracinhas: a memória da FEB através dos relatos de ex-combatentes paranaenses” de Maico Moura (Moura, 2001, p. 49-57), dedicou-se à análise de livros memorialísticos escritos por paranaenses ex-combatentes da FEB. Buscando compreender como a memória da FEB foi construída, significada e ressignificada por aqueles que participaram dos combates na Itália, Moura discorre a

respeito da construção da memória coletiva dos pracinhas quando do seu retorno ao Brasil e aos tempos de paz, num contexto de reinserção desses cidadãos às suas vidas civis.

Tanto o trabalho de Ribeiro como o de Moura, destacam a importância das Associações de ex-combatentes na formação das “comunidades de memórias” que foram responsáveis não apenas pelo acolhimento dos pracinhas e pela luta por seus direitos após a desmobilização, mas também por caracterizar-se como um ponto de encontro que manteve viva a chama expedicionária e que organizou e fomentou a formação de uma memória social da FEB.

Outro ponto em comum entre as pesquisas aqui referenciadas e o presente trabalho é justamente o aspecto relacionado ao fato de que a construção e reconstrução das memórias dos pracinhas vai muito além de simplesmente se registrar os fatos vivenciados a fim de que não caiam no esquecimento. Busca-se também compreender a maneira como a construção dessa memória pautou-se por uma luta por dignidade e reconhecimento.

4 SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1937-1947)

De acordo com a BNCC de História dos anos finais do ensino fundamental, o processo de ensino-aprendizagem está pautado por três procedimentos básicos (Brasil, 2018, p. 418), a saber:

1. identificação temporal e espacial dos eventos considerados importantes na história do Ocidente;
2. análise e crítica de diferentes fontes históricas;
3. reconhecimento e interpretação de diferentes versões de um mesmo fenômeno.

Assim, essa sequência didática possibilita a abordagem dos três procedimentos listados, da seguinte maneira:

- 1: Produção de cronologia apresentando os principais fatos relativos à participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, bem como aqueles envolvendo a desmobilização da FEB e a criação das Associações de Veteranos;
2. Atividade discursiva, de análise e interpretação de fontes históricas a respeito dos expedicionários paranaenses, no contexto da guerra e da reinserção social dos veteranos;
3. Análise comparativa de fontes históricas e trechos historiográficos referentes à participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, contrapondo diferentes pontos de vista a respeito dos acontecimentos registrados.

O material também contará com a reprodução das fontes originais e apresentará a transcrição das mesmas, a fim de facilitar a compreensão dos documentos.

A sequência didática será destinada ao 9º ano do Ensino Fundamental, contemplando, de acordo com a BNCC, a Unidade Temática “Totalitarismos e conflitos mundiais”, tendo como objeto de conhecimento “A Segunda Guerra Mundial”, com vistas ao desenvolvimento da Habilidade “(EF09HI13) - Descrever e contextualizar os processos da emergência do fascismo e do nazismo, a

consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio (como o holocausto)” (Brasil, 2018, p. 430).⁵

A Rede Estadual de Educação do Paraná possui ainda outro documento norteador, o Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP). Atendendo à organização do CREP para o 9º ano do Ensino Fundamental, a sequência didática aqui proposta insere-se na Unidade Temática “Totalitarismo e Segunda Guerra Mundial”, tendo como objeto de conhecimento “A Segunda Guerra Mundial”. O objetivo de aprendizagem (habilidade) atendido será o

PR.EFO9HI13.a.9.15 - Descrever e contextualizar os processos da emergência do fascismo e do nazismo, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio (como o holocausto), compreendendo os movimentos de luta e resistência a esses regimes, bem como os impactos políticos, sociais e econômicos causados pela Segunda Guerra Mundial para o Brasil e o mundo (Paraná, 2021, p.34)⁶.

Além das fontes que serão analisadas nas atividades propostas, ao aplicar essa sequência didática, pode-se incluir outras fontes como fotografias, mapas, relatos e cartas, etc., a fim de ilustrar e sugerir outras leituras e abordagens sem, entretanto, ser o foco das análises pretendidas.

Por meio do estudo das memórias dos pracinhas paranaenses, abordaremos as dimensões humanas da guerra a fim de cultivar a empatia, o pacifismo e a tolerância, valores esses que moveram nossos expedicionários na luta contra o nazifascismo na Itália e que continuam sendo fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa, ética e inclusiva.

4.1 CARACTERIZAÇÃO

Nível: Educação Básica.

Etapa: Ensino Fundamental.

Fase: Anos finais do Ensino Fundamental – 9º ano.

Componente Curricular: História.

Interdisciplinaridade (optativa): Língua Portuguesa.

⁵ Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 16 set. 2023>

⁶ Disponível em: https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-05/crep_historia_2021_anosfinais.pdf. Acesso em: 16. set. 2023>.

Número de aulas: 4 aulas.

Duração: 200 minutos (aproximadamente).

Público-alvo: adolescentes na faixa dos 13 – 15 anos.

4.2 OBJETIVOS – RESULTADOS EDUCACIONAIS ESPERADOS

Ao final desta sequência didática, os alunos deverão ser capazes de:

- Conhecer memórias produzidas por alguns dos expedicionários paranaenses que participaram efetivamente do front na Itália;
- Compreender a conjuntura em que se deu a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial;
- Analisar aspectos do cotidiano dos pracinhas paranaenses em sua participação na Guerra, na Itália, e o abandono sofrido pelos expedicionários após a desmobilização da FEB.

4.3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Na primeira aula prevista para a sequência didática, devem ser apresentados os fatos históricos relevantes ao contexto histórico do Brasil no período do Estado Novo, bem como a participação do Brasil no conflito e o envio da Força Expedicionária para os combates na Itália.

Já na segunda aula, deve-se inserir os temas pertinentes aos feitos da FEB e suas vitórias no Front, contrapondo com a desmobilização da FEB, o retorno das tropas e o processo de reintegração social dos ex-combatentes. Nesse momento, é válido apresentar o contexto dos paranaenses e a atuação da Legião Paranaense do Expedicionário enquanto instituição que, além de prestar auxílio econômico, jurídico e social, converteu-se em um espaço de formação de memórias da FEB.

Portanto, nestas duas primeiras aulas, pretende-se estabelecer relação entre fatos ocorridos simultaneamente em nível internacional, nacional e local.

Já a terceira e quarta aulas, serão destinadas às atividades de análise e interpretação de fontes históricas produzidas pelos expedicionários paranaenses e que retratam três momentos distintos da FEB, sendo eles: a preparação para os combates; o reconhecimento à bravura e aos feitos da FEB e, por fim, as

dificuldades de reintegração dos veteranos à vida civil. Desse modo, pretende-se desenvolver junto aos alunos uma visão crítica a respeito da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, de forma que não esqueçamos das Glórias da FEB, mas que possamos compreender os reveses enfrentados pelos expedicionários e, em especial, conhecer a história e as memórias de alguns soldados anônimos, que geralmente não constam nos livros de História.

Para a realização das atividades propostas, sugere-se que a turma seja dividida em grupos de no máximo quatro alunos, a fim de que ocorra uma discussão que leve em consideração vários pontos de vista e que estimule a participação de todos os envolvidos.

A fim de facilitar a organização do professor, as atividades serão disponibilizadas em meio digital e também em arquivos de PDF que permitam a impressão das fontes analisadas e das questões a serem respondidas.

4.4 PROPOSTA DE AVALIAÇÃO

A avaliação desta sequência didática leva em consideração o desempenho dos alunos durante a realização das atividades e sua capacidade de leitura e interpretação dos documentos analisados, além da sua compreensão a respeito da formação da FEB, bem como o processo de reintegração social dos febianos.

4.5 ATIVIDADE 1: TREINAMENTO E ARMAMENTO DA FEB ANTES DO INÍCIO DOS COMBATES

Após a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, o Presidente Getúlio Vargas realizou vários acordos com os Estados Unidos a fim de viabilizar a participação de tropas brasileiras diretamente no conflito. Assim, com a formação da Força Expedicionária Brasileira (FEB), foram enviados cerca de 25 mil combatentes para o Front na Itália, entre os anos de 1944 e 1945.

Na Itália, os brasileiros atuaram no IV Corpo de Exército, subordinado ao V Exército dos Estados Unidos, recebendo instrução militar e armamentos estadunidenses, como apontam as memórias escritas pelo expedicionário paranaense Leonécio Soares, em seu livro “Verdades e Vergonhas da Força

Expedicionária Brasileira”, do qual você pode conferir alguns trechos reproduzidos abaixo:

Trecho 1:

“Finalmente, as armas chegaram. Chegaram e foram distribuídas. Novas, de aspecto, recém-saídas das fábricas, mas de pronto se viu que não correspondiam às expectativas de seu emprego tático ou no campo da balística. Armamento obsoleto, de modelos antiquados e de mau funcionamento (...). Diante desse quadro, pode-se afirmar, com toda a tranquilidade: - a divisão brasileira foi empurrada para as frentes de combate, armada com as piores armas estocadas nos arsenais da América do Norte” (Soares, 1984 p. 40)

Trecho 2:

“Se as armas recebidas apresentavam tantos e tais defeitos, mais deficientes, fracos e falhos foram os pouquíssimos exercícios realizados. Os escassos quinze dias de ‘período de instrução’ (...) transcorreram, sem nenhum aproveitamento instrutivo, porque não houve instrução nenhuma. Não havia monitores ou instrutores capazes. Estes, no entender da orientação superior, deveriam ser os oficiais e os sargentos das companhias, os quais, igualmente, ignoravam as armas e não possuíam nenhum conhecimento e experiência de guerra. Uma calamidade” (Soares, 1984 p. 44).

COMPREENDENDO O DOCUMENTO:

1. Qual nação foi responsável pelo fornecimento de armas à Força Expedicionária Brasileira?

Resposta Esperada: Os Estados Unidos foram a nação responsável pelo fornecimento das armas à Força Expedicionária Brasileira.

2. Quais eram as condições do armamento recebido pelos expedicionários brasileiros?

Resposta Esperada: Apesar da aparência de novas, as armas eram obsoletas, de modelos antiquados e de mau funcionamento, não correspondendo às expectativas de seu emprego tático ou no campo da balística.

3. Qual foi o período de treinamento oferecido aos soldados brasileiros antes do início dos combates?

Resposta Esperada: O chamado “período de instrução” teve a duração de apenas quinze dias.

4. Qual era a experiência de guerra dos Oficiais e Sargentos da FEB?

Resposta Esperada: Os oficiais e sargentos não possuíam nenhum conhecimento e experiência de guerra.

CONTEXTUALIZANDO O DOCUMENTO

1. No que se refere ao treinamento e às armas recebidas pelos expedicionários brasileiros, por que o autor do texto considera “uma calamidade”?

Resposta Esperada: O autor considera uma calamidade o pouco treinamento recebido e as armas obsoletas que seriam inferiores às dos inimigos a serem enfrentados, o que colocava a FEB em desvantagem no contexto dos combates a serem travados.

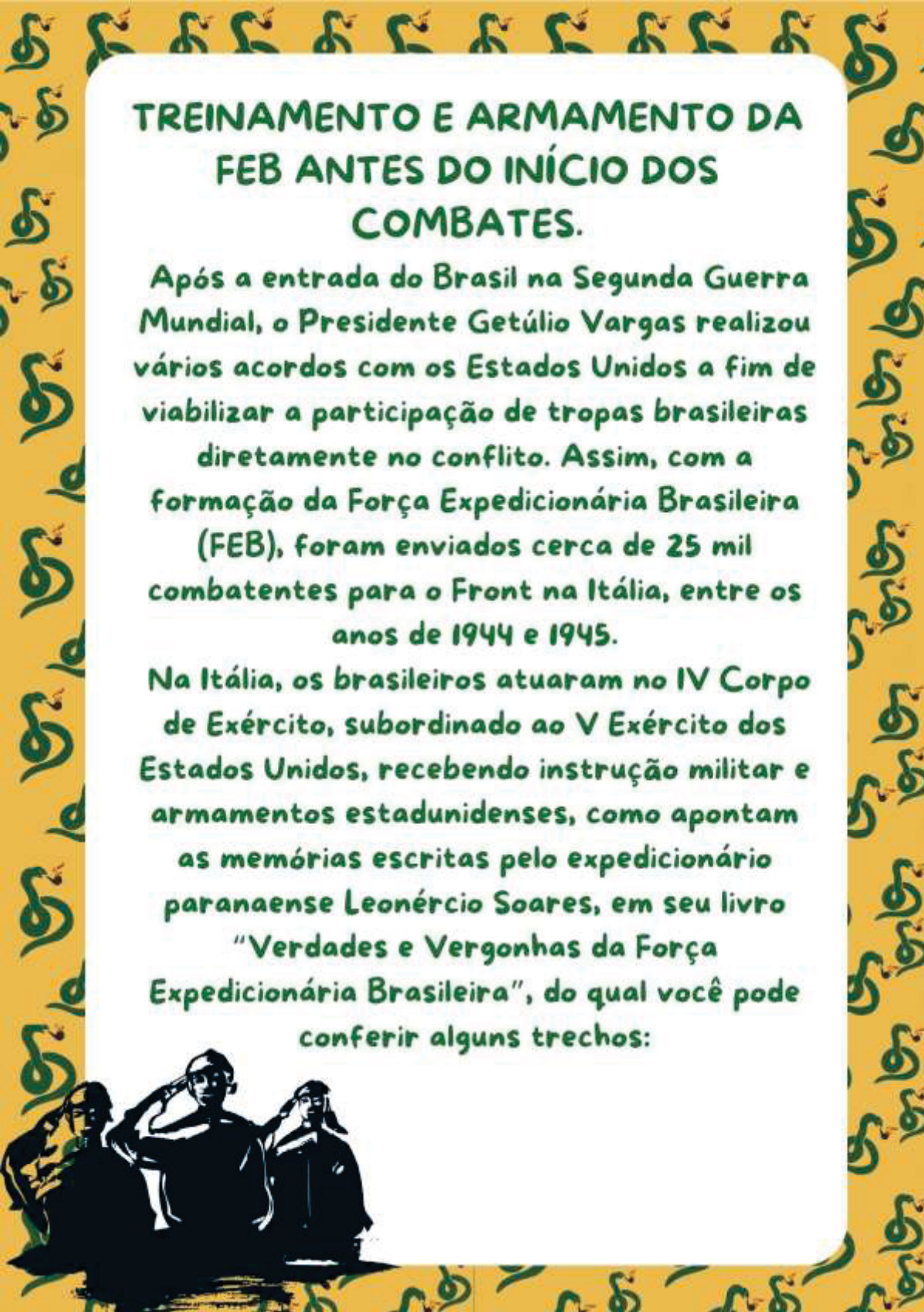
2. Analisando os trechos, pode-se dizer que FEB estava preparada para atuar na Segunda Guerra Mundial?

Resposta Esperada: A FEB não estava preparada para atuar na Segunda Guerra Mundial, já que não houve treinamento suficiente para as tropas e as armas recebidas eram obsoletas.

3. Quais consequências poderiam decorrer no que se refere à eficiência em combate ou mesmo as próprias chances de sobrevivência dos soldados brasileiros em ação contra seus inimigos?

Resposta Esperada: Os riscos de morte e graves ferimentos em combate eram altos, o que era agravado pelas condições climáticas, desvantagem tática e desconhecimento dos territórios a serem conquistados pela FEB na Itália.


FIGURA 1 – MODELO DA ATIVIDADE 1 PARA IMPRESSÃO (PARTE 1)



TREINAMENTO E ARMAMENTO DA FEB ANTES DO INÍCIO DOS COMBATES.

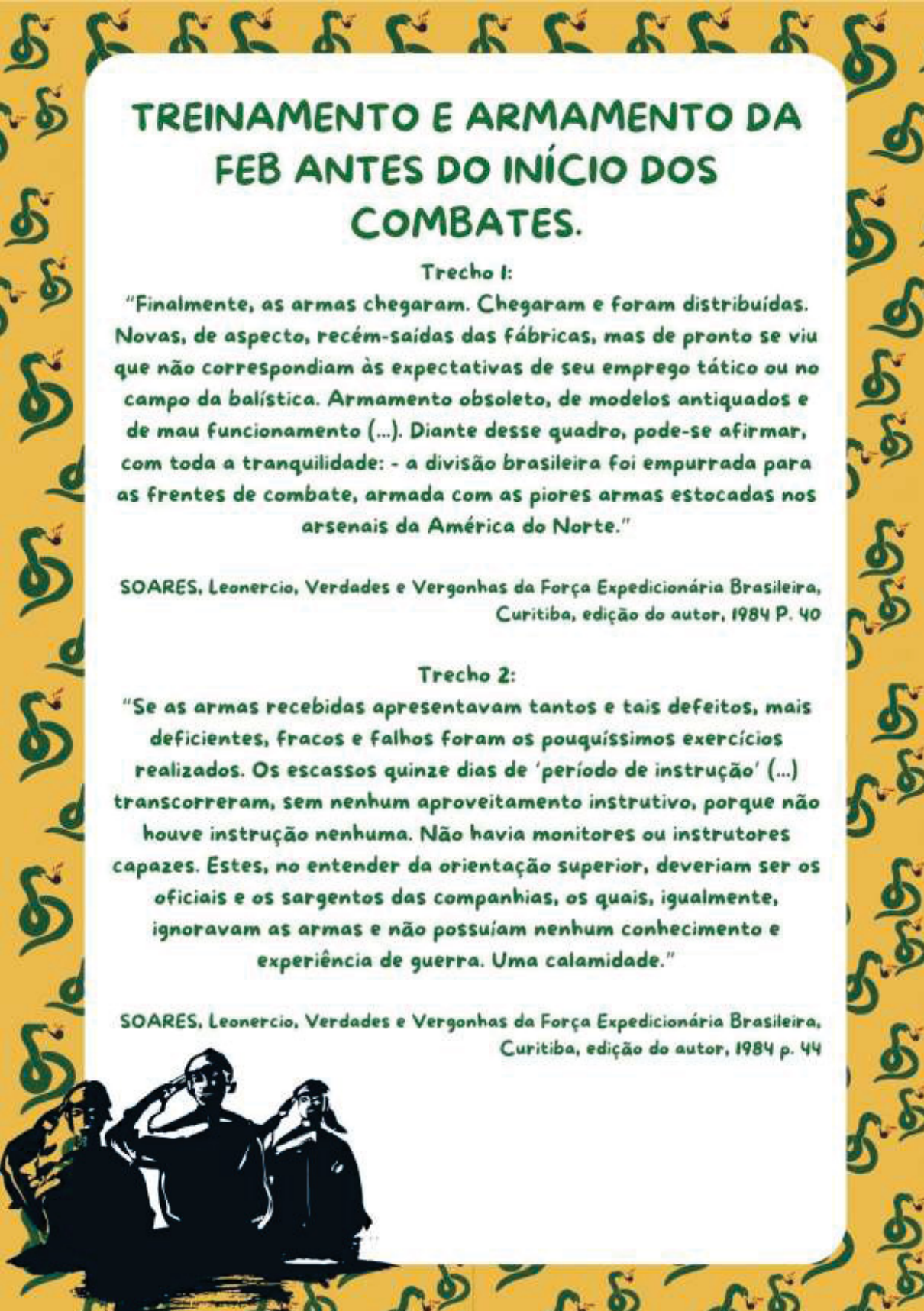
Após a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, o Presidente Getúlio Vargas realizou vários acordos com os Estados Unidos a fim de viabilizar a participação de tropas brasileiras diretamente no conflito. Assim, com a formação da Força Expedicionária Brasileira (FEB), foram enviados cerca de 25 mil combatentes para o Front na Itália, entre os anos de 1944 e 1945.

Na Itália, os brasileiros atuaram no IV Corpo de Exército, subordinado ao V Exército dos Estados Unidos, recebendo instrução militar e armamentos estadunidenses, como apontam as memórias escritas pelo expedicionário paranaense Leonércio Soares, em seu livro "Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira", do qual você pode conferir alguns trechos:



FONTE: a autora.

FIGURA 2 – MODELO DA ATIVIDADE 1 PARA IMPRESSÃO (PARTE 2)



TREINAMENTO E ARMAMENTO DA FEB ANTES DO INÍCIO DOS COMBATES.

Trecho 1:


“Finalmente, as armas chegaram. Chegaram e foram distribuídas. Novas, de aspecto, recém-saídas das fábricas, mas de pronto se viu que não correspondiam às expectativas de seu emprego tático ou no campo da balística. Armamento obsoleto, de modelos antiquados e de mau funcionamento (...). Diante desse quadro, pode-se afirmar, com toda a tranquilidade: - a divisão brasileira foi empurrada para as frentes de combate, armada com as piores armas estocadas nos arsenais da América do Norte.”

SOARES, Leonercio, Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira, Curitiba, edição do autor, 1984 P. 40

Trecho 2:

“Se as armas recebidas apresentavam tantos e tais defeitos, mais deficientes, fracos e falhos foram os pouquíssimos exercícios realizados. Os escassos quinze dias de ‘período de instrução’ (...) transcorreram, sem nenhum aproveitamento instrutivo, porque não houve instrução nenhuma. Não havia monitores ou instrutores capazes. Estes, no entender da orientação superior, deveriam ser os oficiais e os sargentos das companhias, os quais, igualmente, ignoravam as armas e não possuíam nenhum conhecimento e experiência de guerra. Uma calamidade.”

SOARES, Leonercio, Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira, Curitiba, edição do autor, 1984 p. 44



FONTE: a autora.

FIGURA 3 - MODELO DA ATIVIDADE 1: COMPREENDENDO O DOCUMENTO

COMPREENDENDO O DOCUMENTO

1. Qual nação foi responsável pelo fornecimento de armas à Força Expedicionária Brasileira?

Quais eram as condições do armamento recebido pelos expedicionários brasileiros?

3. Qual foi o período de treinamento oferecido aos soldados brasileiros antes do início dos combates?

4. Qual era a experiência de guerra dos Oficiais e Sargentos da FEB?



FONTE: a autora.

4.6 ATIVIDADE 2: GLÓRIAS E HOMENAGENS AOS SOLDADOS PARANAENSES DA FEB

Entre os 25 mil combatentes da FEB enviados para a Segunda Guerra Mundial, 467 morreram durante a atuação no front italiano, além dos milhares que foram feridos, sendo homenageados por seus serviços prestados na guerra com várias formas de condecorações.

O documento a seguir faz parte do trabalho intitulado “2ª Grande Guerra Mundial: contribuição do Paraná”, foi organizado pelo veterano e ex-diretor do Museu do Expedicionário, Rubens Krzyzanowski, o qual apresenta importantes dados a respeito dos paranaenses que se destacaram nos combates na Itália, incluindo os condecorados e também os mortos em ação. Reproduzimos aqui a página referente ao soldado campo-larguense João Florindo Zanetti, morto em combate em 1944:

FIGURA 5 – DOCUMENTO DO RESUMO BIOGRÁFICO DE EX-COMBATENTES PARANAENSES

LEGIÃO PARANAENSE DO EXPEDICIONÁRIO
MUSEU DO EXPEDICIONÁRIO

RESUMO BIOGRÁFICO DO EX-COMBATENTE JOÃO FLORINDO ZANETTI
QUE PARTICIPOU DA CAMPANHA DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA


Identificação

NOME: JOÃO FLORINDO ZANETTI
FILIAÇÃO: Antonio Zanetti e Marie do Carmo Zanetti
LOCAL DO NASCIMENTO: Campo Largo da Piedade - Paraná
DATA DO NASCIMENTO: Classe de 1920 IDENTIDADE: 16-295531

PARTICIPAÇÃO NA FEB:
POSTO ou GRADUAÇÃO: Soldado
UNIDADE: 11º Regimento de Infantaria (2ª. Companhia)
EMBARQUE: 20 de setembro de 1944

RETORNO: Seus restos mortais retornaram em 21/12/60, e encontram-se no Monumento aos Mortos da 2ª. Grande Guerra, no Rio de Janeiro.
FOI FERIDO:

CONDECORAÇÕES E ELOGIOS RECEBIDOS: Morto em ação de combate na região de Iolla, em posição na L 559.224, atingido por estilhaços de granada. Foi sepultado no Cemitério Militar Brasileiro de Pistóia, na quadra B, fileira 6 - Sepultura 69. Foi agraciado com as Medalhas de Campanha, Sangue do Brasil e Cruz de Combate de 1ª. Classe. No decreto que lhe concedeu esta última condecoração, lê-se: "Por ocasião da tomada de contato com o inimigo, na região de Galiceno, em 13 de outubro de 1944, não obstante o ferimento recebido por estilhaços de granada, continuou tirando fogo de apoiar seus companheiros que atacavam, tendo se recusado a ser evacuado, dizendo que só faria depois de atingido o objetivo designado, demonstrando grande espírito de abnegação, alto grau de responsabilidade, audácia e bravura."



FONTE: Acervo do Museu do Expedicionário.

Transcrição:

LEGIÃO PARANAENSE DO EXPEDICIONÁRIO
MUSEU DO EXPEDICIONÁRIO

RESUMO BIOGRÁFICO DO EX-COMBATENTE JOÃO FLORINDO ZANETTI
QUE PARTICIPOU DA CAMPANHA DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

Identificação

NOME: JOÃO FLORINDO ZANETTI

FILIAÇÃO: Antonio Zanetti e Maria do Carmo Zanetti

LOCAL DO NASCIMENTO: Campo Largo da Piedade – Paraná

DATA DO NASCIMENTO: Classe de 1920 IDENTIDADE: 1G 295531

PARTICIPAÇÃO NA FEB:

POSTO ou GRADUAÇÃO: Soldado

UNIDADE: 11º Regimento de Infantaria (2ª Companhia)

EMBARQUE: 20 de setembro de 1944

RETORNO: Seus restos mortais retornaram em 21/12/60, e encontram-se no Monumento aos Mortos da 2ª Grande Guerra, no Rio de Janeiro.

FOI FERIDO:

CONDECORAÇÕES E ELOGIOS RECEBIDOS: Morto em ação de combate na região

de Iolla, em posição L 559.224, atingido por estilhaços de granada. Foi sepultado no Cemitério Militar Brasileiro de Pistóia, na quadra B, fileira 6 – Sepultura 69. Foi agraciado com as Medalhas de Campanha, Sangue do Brasil e Cruz de Combate de 1ª Classe. No decreto que lhe concedeu esta última condecoração, lê-se: “Por ocasião da tomada de contato com o inimigo, na região de Galicano, em 13 de outubro de 1944, não obstante o ferimento recebido por estilhaços de granada, continuou atirando afim de apoiar seus companheiros que atacavam, tendo se recusado a ser evacuado, dizendo que só faria depois de atingido o objetivo designado, demonstrando grande espírito de abnegação, alto grau de responsabilidade, audácia e bravura.”.

COMPREENDENDO O DOCUMENTO:

1. Quem produziu o documento?

Resposta Esperada: O documento foi produzido pela Legião Paranaense do Expedicionário e organizado pelo veterano e ex-diretor do Museu do Expedicionário, Rubens Krzyzanowski.

2. Onde e quando o documento foi produzido?

Resposta Esperada: O documento foi produzido em Curitiba, no Estado do Paraná, onde se localizava a sede da Legião Paranaense do Expedicionário. Não há indicação de data de produção do documento, mas infere-se que foi escrito após 1980, data de inauguração do Museu do Expedicionário.

3. Sobre o que trata o documento?

Resposta Esperada: Trata-se de um resumo biográfico de um ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira.

CONHECENDO O EXPEDICIONÁRIO:

1. Sobre quem se trata o documento?

Resposta Esperada: Se trata de João Florindo Zanetti.

2. Qual seu Posto ou Graduação na FEB?

Resposta Esperada: O expedicionário atuou como Soldado.

3. Qual o local e data de seu nascimento?

Resposta Esperada: Ele nasceu em Campo Largo da Piedade – Paraná, em 1920.

3. Qual o local e data de seu falecimento?

Resposta Esperada: Ele faleceu na região de Galicano, em 13 de outubro de 1944.

4. Quais medalhas recebeu?

Resposta Esperada: Medalhas de Campanha, Sangue do Brasil e Cruz de Combate de 1ª Classe.

5. Onde foi sepultado?

Resposta Esperada: Inicialmente foi sepultado no Cemitério Militar Brasileiro de Pistóia, na Itália. Posteriormente, em 21 de dezembro de 1960, seus restos mortais foram transferidos para o Monumento aos Mortos da 2ª Grande Guerra, no Rio de Janeiro, Brasil.

6. Qual a causa da sua morte?

Resposta Esperada: Ele faleceu em decorrência de ferimentos de estilhaços de granada.

CONTEXTUALIZANDO O DOCUMENTO:

1. Qual era a idade do soldado quando fez parte da FEB?

Resposta Esperada: O soldado tinha 24 anos.

2. Considerando a data de embarque e a data de falecimento, por quanto tempo ele serviu efetivamente à FEB?

Resposta Esperada: Aproximadamente 23 dias.

3. Faça uma pesquisa e registre o significado de cada uma das condecorações recebidas pelo soldado.

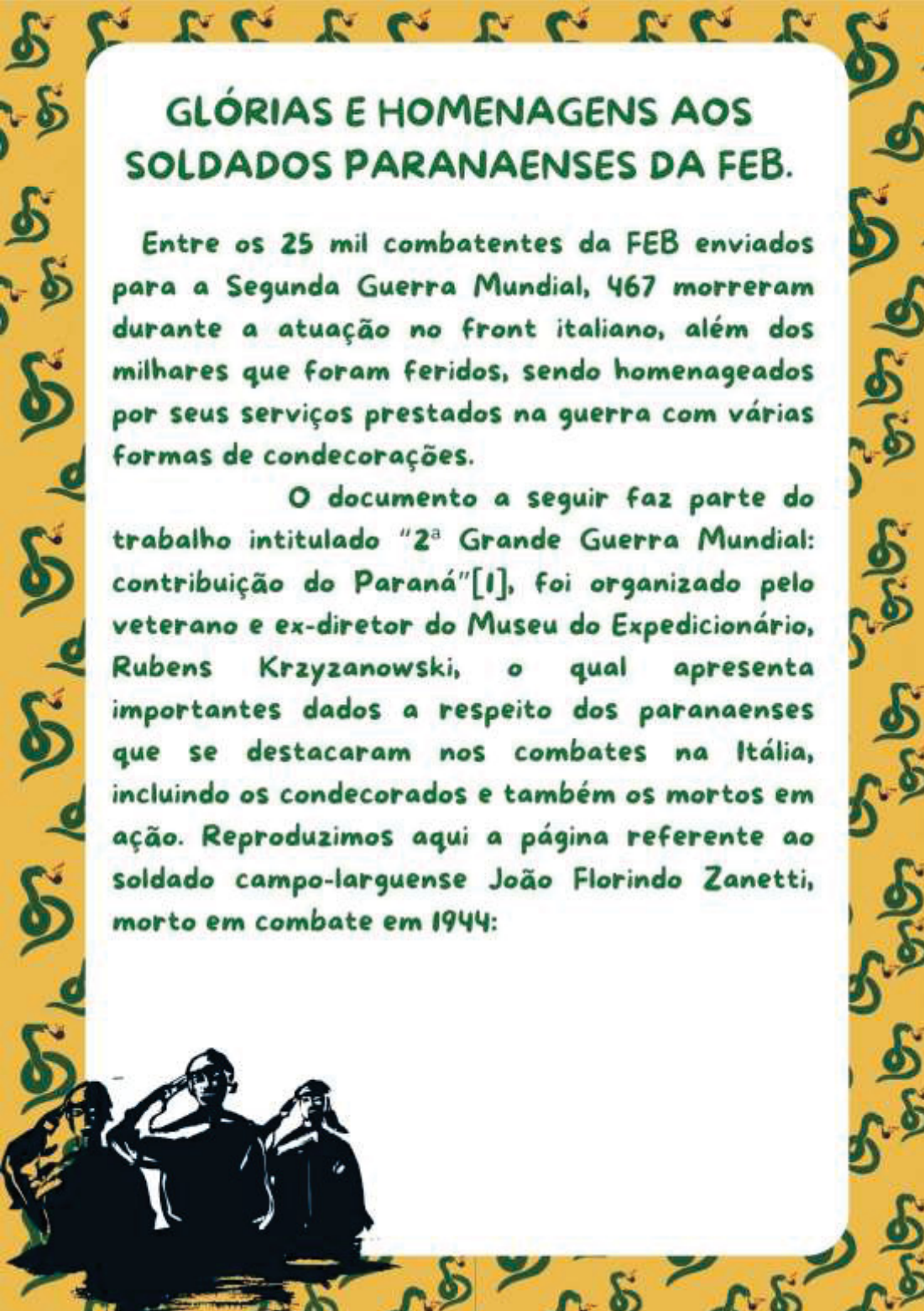
Resposta Esperada: A Medalha de Campanha foi conferida aos militares que participaram das operações de guerra, sem nota desabonadora. A Medalha de Sangue do Brasil foi destinada aos que foram feridos em consequência de ação objetiva do inimigo. Já a Cruz de Combate de 1ª Classe foi concedida àqueles que se distinguiram por ato de excepcional bravura individual ou revelaram espírito de sacrifício no desempenho de missões de combate.

4. De acordo com o documento, por quais motivos ele foi condecorado com a Cruz de Combate de 1ª Classe?

Resposta Esperada: Ele foi condecorado com a Cruz de Combate de 1ª Classe devido à sua coragem e bravura pois, mesmo ferido por estilhaços de granada,

recusou-se a ser evacuado e continuou a atirar para dar apoio aos demais soldados que atacavam o inimigo, dizendo que só pararia quando o objetivo fosse atingido.


FIGURA 6 - MODELO DA ATIVIDADE 2 PARA IMPRESSÃO (PARTE 1)



GLÓRIAS E HOMENAGENS AOS SOLDADOS PARANAENSES DA FEB.

Entre os 25 mil combatentes da FEB enviados para a Segunda Guerra Mundial, 467 morreram durante a atuação no front italiano, além dos milhares que foram feridos, sendo homenageados por seus serviços prestados na guerra com várias formas de condecorações.

O documento a seguir faz parte do trabalho intitulado "2ª Grande Guerra Mundial: contribuição do Paraná"[1], foi organizado pelo veterano e ex-diretor do Museu do Expedicionário, Rubens Krzyzanowski, o qual apresenta importantes dados a respeito dos paranaenses que se destacaram nos combates na Itália, incluindo os condecorados e também os mortos em ação. Reproduzimos aqui a página referente ao soldado campo-larguense João Florindo Zanetti, morto em combate em 1944:



FONTE: a autora.

FIGURA 7 - MODELO DA ATIVIDADE 2 PARA IMPRESSÃO (PARTE 2)

GLÓRIAS E HOMENAGENS AOS SOLDADOS PARANAENSES DA FEB.

LEGIÃO PARANAENSE DO EXPEDICIONÁRIO
MUSEU DO EXPEDICIONÁRIO

RESUMO BIOGRÁFICO DO EX COMBATENTE **JOÃO FLORENDO ZANETTI**
QUE PARTICIPOU DA CAMPANHA DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA PARANAENSE

Identificação

NOME: JOÃO FLORENDO ZANETTI	
FILIAÇÃO: Antônio Zanetti e Maria de Góes Zanetti	
LOCAL DO NASCIMENTO: Campo Largo da Fiedade - Paraná	
DATA DO NASCIMENTO: Classe de 1920	IDENTIDADE: 10 285531

PARTICIPAÇÃO NA FEB:


POSTO ou GRADUAÇÃO: Soldado


UNIDADE: 11º Regimento de Infantaria (2ª. Companhia)

EMBARQUE: 20 de setembro de 1944

EXONO: Seus restos mortais retornaram em 21/12/60, e encontram-se no Cemitério dos Lórtos de Sr. Grande Siqueira, no Rio de Janeiro. FOI SENDO:

CONDIÇÕES E MOTIVOS EXCERVIDOS: Morte em ação de combate na região de Iella, em posição de L. 359.324, atingido por estilhaços de granada. Foi sepultado no Cemitério Militar Brasileiro de Fátima, na quadra E, fileira 6 - Sepultura 49. Foi agraciado com as Medalhas de Campanha, Saque de Brasil e Cruz de Combate de 1ª. Classe. No decreto que lhe concede esta última condecoração, lê-se: "Por ocasião do tombo de combate com o inimigo, na região de Galiceno, em 13 de outubro de 1944, não obstante o ferimento recebido por estilhaços de granada, continuou atuando afim de opair sem ocomphe-ros que atocavam, toude ao racimdo e ser evacuado, dizendo que só feria depois de atingido o objetivo designado, demonstrando grande espírito de abnegação, alto grau de responsabilidade, unidade e bravura."





FONTE: a autora.

FIGURA 8 - MODELO DA ATIVIDADE 2 PARA IMPRESSÃO (PARTE 3)

**GLÓRIAS E HOMENAGENS AOS
SOLDADOS PARANAENSES DA FEB.**

Transcrição do documento:
LEGIÃO PARANAENSE DO EXPEDICIONÁRIO
MUSEU DO EXPEDICIONÁRIO

**RESUMO BIOGRÁFICO DO EX-COMBATENTE JOÃO FLORINDO ZANETTI
QUE PARTICIPOU DA CAMPANHA DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA**

Identificação
NOME: JOÃO FLORINDO ZANETTI
FILIAÇÃO: Antonio Zanetti e Maria do Carmo Zanetti
LOCAL DO NASCIMENTO: Campo Largo da Piedade – Paraná
DATA DO NASCIMENTO: Classe de 1920 IDENTIDADE: IG 295531

PARTICIPAÇÃO NA FEB:
POSTO ou GRADUAÇÃO: Soldado
UNIDADE: 11º Regimento de Infantaria (2ª Companhia)
EMBARQUE: 20 de setembro de 1944
RETORNO: Seus restos mortais retornaram em 21/12/60, e encontram-se no Monumento aos Mortos da 2ª Grande Guerra, no Rio de Janeiro.
FOI FERIDO:

CONDECORAÇÕES E ELOGIOS RECEBIDOS: Morto em ação de combate na região de Iolla, em posição L 559.224, atingido por estilhaços de granada. Foi sepultado no Cemitério Militar Brasileiro de Pistóia, na quadra B, fileira 6 – Sepultura 69. Foi agraciado com as Medalhas de Campanha, Sangue do Brasil e Cruz de Combate de 1ª Classe. No decreto que lhe concedeu esta última condecoração, lê-se: “Por ocasião da tomada de contato com o inimigo, na região de Galicano, em 13 de outubro de 1944, não obstante o ferimento recebido por estilhaços de granada, continuou atirando afim de apoiar seus companheiros que atacavam, tendo se recusado a ser evacuado, dizendo que só faria depois de atingido o objetivo designado, demonstrando grande espírito de abnegação, alto grau de responsabilidade, audácia e bravura.”



FONTE: a autora.

FIGURA 9 - MODELO DA ATIVIDADE 2: COMPREENDENDO O DOCUMENTO

The worksheet is titled "COMPREENDENDO O DOCUMENTO." and "CONHECENDO O EXPEDICIONÁRIO." It features a yellow background with a repeating pattern of musical notes and a silhouette of three people at the bottom. The text is in green and black, and the form includes dashed lines for writing.

COMPREENDENDO O DOCUMENTO.

1. Quem produziu o documento?

2. Onde e quando o documento foi produzido?

3. Sobre o que trata o documento?

CONHECENDO O EXPEDICIONÁRIO.

1. Sobre quem se trata o documento?

2. Qual seu Posto ou Graduação na FEB?

3. Qual o local e data de seu nascimento?

4. Qual o local e data de seu falecimento?

5. Quais medalhas recebeu?

6. Onde foi sepultado?

7. Qual a causa da sua morte?

FONTE: a autora.

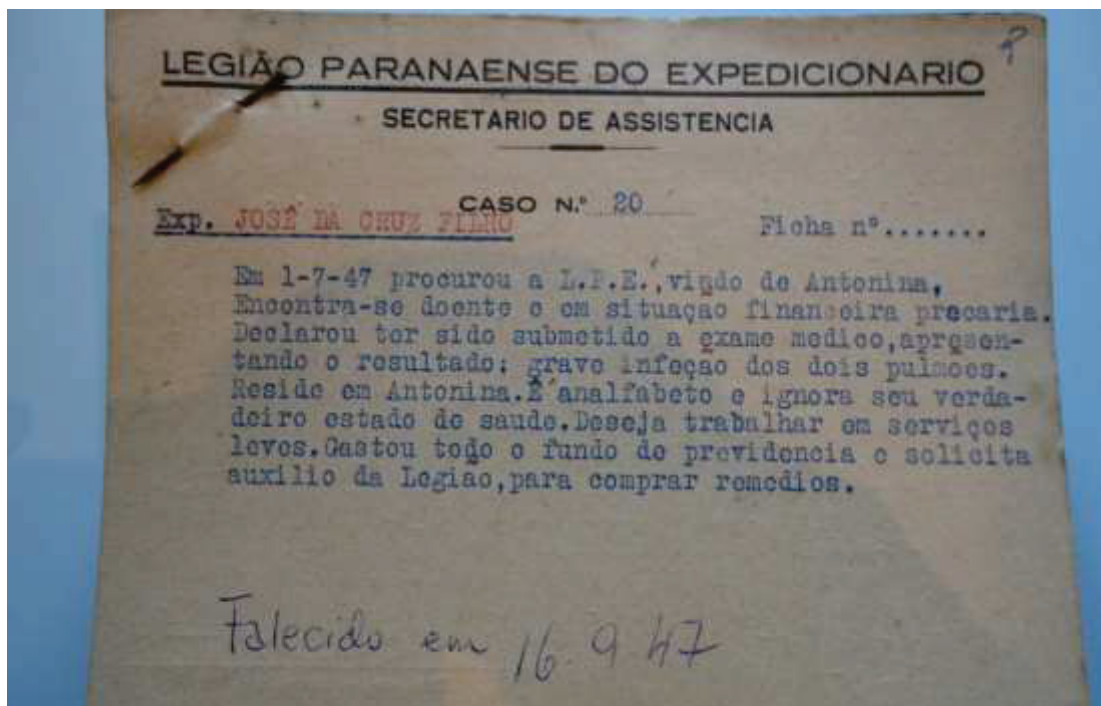
4.7 ATIVIDADE 3: DESMOBILIZAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E REINTEGRAÇÃO SOCIAL

Após o fim da Segunda Guerra Mundial e a desmobilização da FEB, muitos dos expedicionários retornaram da Itália com graves problemas de saúde, tanto físicos quanto psicológicos, tendo dificuldades em readaptar-se às suas vidas civis. Apesar de algumas leis de amparo terem sido criadas pelo governo brasileiro, muitos tiveram dificuldades em acessá-las e terem seus direitos efetivados.

Assim, em vários Estados brasileiros, foram criadas associações de ex-combatentes, visando um espaço de ajuda mútua entre os veteranos da FEB, a fim de prestar auxílio aos expedicionários que estavam em dificuldade na sua reinserção social.

Os documentos a seguir foram produzidos pela Secretaria de Assistência Social de uma dessas associações, a Legião Paranaense do Expedicionário (LPE), e apresentam tanto as solicitações por parte do expedicionário, como os encaminhamentos dados pela LPE aos seus pedidos.

FIGURA 11 – DOCUMENTO DE SOLICITAÇÃO E ENCAMINHAMENTOS DA LPE



FONTE: Secretaria de Assistência Social da Legião Paranaense do Expedicionário (LPE).

Transcrição:

LEGIÃO PARANAENSE DO EXPEDICIONARIO

SECRETARIO DE ASSISTENCIA

CASO N° 20

Exp. JOSÉ DA CRUZ FILHO

Em 1-7-47 procurou a L.P.E., vindo de Antonina.

Encontra-se doente e em situação financeira precaria.

Declarou ter sido submetido a exame médico, apresentando o resultado: grave infecção dos dois pulmões.

Reside em Antonina. É analfabeto e ignora seu verdadeiro estado de saude. Deseja trabalhar em serviços leves. Gastou todo o fundo de previdencia e solicita auxilio da Legião, para comprar remédios.

Falecido em 16.9.47

COMPREENDENDO O DOCUMENTO:

1. Quem produziu o documento?

Resposta esperada: O documento foi produzido pela Secretaria de Assistência da Legião Paranaense do Expedicionário.

2. Quando e onde o documento foi produzido?

Resposta esperada: O documento foi produzido em Curitiba, no Estado do Paraná, onde se localizava a Legião Paranaense do Expedicionário, no dia 01 de julho de 1947.

3. Qual o objetivo do documento?

Resposta esperada: As fichas produzidas pela Secretaria de Assistência da Legião Paranaense do Expedicionário, visavam o registro das solicitações dos expedicionários que buscavam a ajuda da instituição para seus problemas de saúde, financeiros, jurídicos e também relativos à busca por emprego.

CONHECENDO O EXPEDICIONÁRIO:

1. Qual seu nome?

Resposta esperada: O expedicionário se chamava José da Cruz Filho.

2. Onde vivia?

Resposta esperada: O expedicionário vivia na cidade de Antonina, no Estado do Paraná.

3. Qual seu estado de saúde?

Resposta esperada: O expedicionário estava doente, com grave infecção nos dois pulmões e ignorava seu verdadeiro estado de saúde.

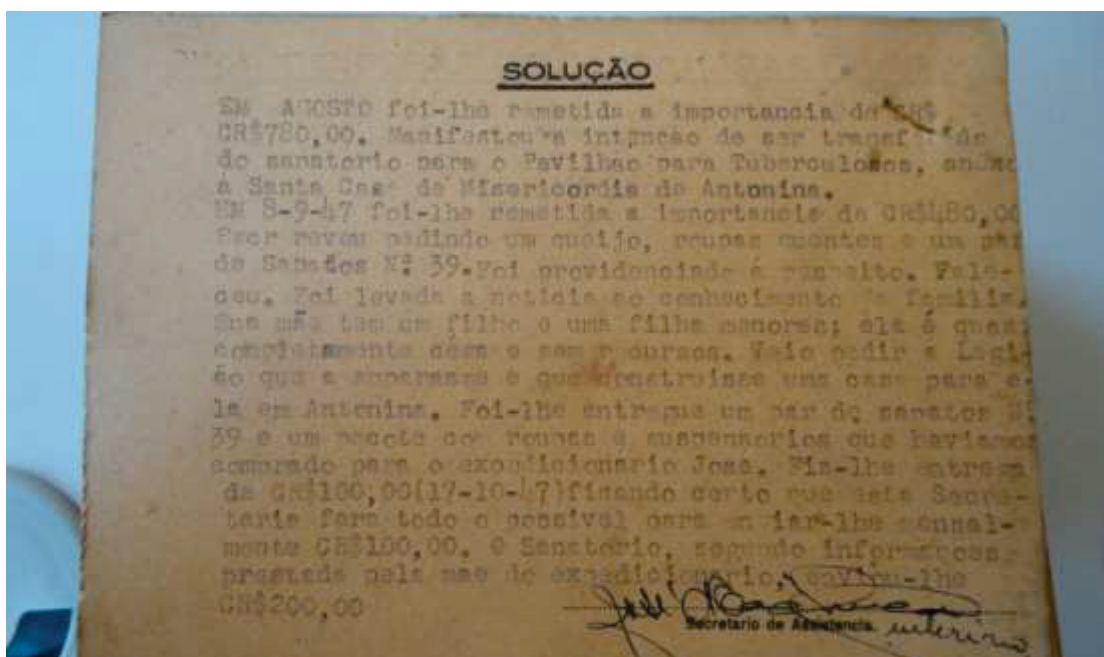
4. Era alfabetizado?

Resposta esperada: O expedicionário era analfabeto.

5. O que solicitava?

Resposta esperada: O expedicionário solicitava o auxílio da Legião dos Expedicionários para comprar remédios, pois havia gasto todo o seu Fundo de Previdência. Também desejava trabalhar em serviços leves, devido ao seu estado de saúde.

FIGURA 12 - DOCUMENTO DE ENCAMINHAMENTOS DA LPE



Transcrição:

SOLUÇÃO

EM AGOSTO foi-lhe remetida a importância de CR\$ CR\$780,00. Manifestou a intenção de ser transferido do sanatório para o Pavilhão para Tuberculosos, anexo á Santa Casa de Misericórdia de Antonina.

EM 8-9-47 foi-lhe remetida a importância de CR\$480,00 Escreveu pedindo um queijo, roupas quentes e um par de Sapatos Nº39. Foi providenciado a respeito. Faleceu. Foi levada a notícia ao conhecimento da família.

Sua mãe tem um filho e uma filha menores; ela é quasi completamente cega e sem recursos. Veio pedir á Legião que a amparasse e construísse uma casa para ela em Antonina. Foi-lhe entregue um par de sapatos Nº 39 e um pacote com roupas e suspensórios que havíamos comprado para o expedicionário José. Fiz-lhe entrega de CR\$100,00 (17-10-47) ficando certo que esta Secretaria fará todo o possível para enviar-lhe mensalmente CR\$100,00. O Sanatório, segundo informações prestada pela mãe do expedicionário, enviou-lhe CR\$200,00

COMPREENDENDO O DOCUMENTO:

1. Quais as novas solicitações?

Resposta esperada: O expedicionário solicitou um queijo, roupas quentes e um par de sapatos nº 39.

2. As solicitações foram atendidas?

Resposta esperada: As solicitações do expedicionário foram parcialmente atendidas, já que algumas delas só foram providenciadas quando o veterano já havia falecido.

3. O que aconteceu ao expedicionário?

Resposta esperada: O estado de saúde do expedicionário se agravou e ele faleceu em decorrência de tuberculose.

4. Qual a situação da família do expedicionário?

Resposta esperada: A mãe do expedicionário era quase completamente cega e sem recursos. O expedicionário ainda tinha um irmão e uma irmã menores de idade. A mãe do expedicionário ainda solicitou que a LPE a amparasse e construísse uma casa para ela em Antonina, o que demonstra a situação de precariedade econômica em que a família se encontrava.

CONTEXTUALIZANDO O DOCUMENTO:

1. O que as solicitações apresentadas no documento revelam sobre o estado de saúde e a situação econômica dos expedicionários após a desmobilização da FEB?

Resposta esperada: Muitos expedicionários tiveram dificuldades em se reintegrar à vida civil após a desmobilização da FEB, em decorrência dos problemas de saúde adquiridos e/ou agravados no período da Guerra, o que também pode ter dificultado o retorno às suas atividades profissionais em serviços braçais, como era a agricultura ou atividades como carregadores, estivadores, etc. Como muitos eram analfabetos ou tinham baixa escolaridade, ao procurar trabalhos considerados mais leves, esbarravam na falta de instrução e qualificação para o trabalho.

2. Qual o papel e a importância das Associações de Veteranos, como a Legião Paranaense do Expedicionário?

Resposta esperada: As Associações de Veteranos se constituíram como entidades de caráter apartidário e de mútua cooperação entre ex-combatentes, com o objetivo de auxiliar os expedicionários na sua reintegração à vida civil, além de prestar assistência médica, econômica e jurídica, bem como acesso à educação e empregabilidade. Como muitas vezes as Leis de Amparo aos expedicionários se mostravam ineficazes ou até mesmo desconhecidas dos veteranos, essas Associações se mostraram fundamentais para o auxílio e busca pela efetivação dos direitos dos expedicionários, quando o Poder Público não cumpria com o seu papel.

3. Diante do exposto nos documentos, pode-se afirmar que os expedicionários conseguiram se reintegrar à vida civil após o fim da guerra? Quais as dificuldades encontradas?

Resposta esperada: Assim como o expedicionário José da Cruz Filho, muitos expedicionários não conseguiram se reintegrar à vida civil após a guerra. As dificuldades encontradas referem-se aos problemas de saúde e sequelas em decorrência da participação na guerra, o que impossibilitava a muitos continuar exercendo suas atividades profissionais e tornando ainda mais difícil sua recolocação no mercado de trabalho. O analfabetismo e a baixa escolaridade de muitos expedicionários também é fator determinante das dificuldades, tanto para a inserção no mercado de trabalho como na busca pela efetivação dos seus direitos.

FIGURA 13 – MODELO DA ATIVIDADE 3 PARA IMPRESSÃO (PARTE 1)

DESMOBILIZAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E REINTEGRAÇÃO SOCIAL.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial e a desmobilização da FEB, muitos dos expedicionários retornaram da Itália com graves problemas de saúde, tanto físicos quanto psicológicos, tendo dificuldades em readaptar-se às suas vidas civis. Apesar de algumas leis de amparo terem sido criadas pelo governo brasileiro, muitos tiveram dificuldades em acessá-las e terem seus direitos efetivados.

Assim, em vários Estados brasileiros, foram criadas associações de ex-combatentes, visando um espaço de ajuda mútua entre os veteranos da FEB, a fim de prestar auxílio aos expedicionários que estavam em dificuldade na sua reinserção social.

Os documentos a seguir, foram produzidos pela Secretaria de Assistência Social de uma dessas associações, a Legião Paranaense do Expedicionário (LPE) e apresentam tanto as solicitações por parte do expedicionário, como os encaminhamentos dados pela LPE aos seus pedidos.



FONTE: a autora.

FIGURA 14 – MODELO DA ATIVIDADE 3 PARA IMPRESSÃO (DOCUMENTO 1)

DESMOBILIZAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E REINTEGRAÇÃO SOCIAL.

Documento 1:



LEGIÃO PARANAENSE DO EXPEDICIONARIO
SECRETARIO DE ASSISTENCIA

CASO N° 20 Ficha n°.....
Exp. JOSÉ DA CRUZ FILHO

Em 1-7-47 procurou a L.P.E., vindo de Antonina.
Encontra-se doente e em situação financeira precária.
Declarou ter sido submetido a exame medico, apresentando o resultado: grave infecção dos dois pulmões.
Reside em Antonina. É analfabeto e ignora seu verdadeiro estado de saúde. Deseja trabalhar em serviços leves. Gastou todo o fundo de previdencia e solicita auxilio da Legião, para comprar remédios.

Falecido em 16.9.47

Transcrição:
LEGIÃO PARANAENSE DO EXPEDICIONARIO
SECRETARIO DE ASSISTENCIA
CASO N° 20
Exp. JOSÉ DA CRUZ FILHO
Em 1-7-47 procurou a L.P.E., vindo de Antonina.
Encontra-se doente e em situação financeira precária.
Declarou ter sido submetido a exame medico, apresentando o resultado: grave infecção dos dois pulmões.
Reside em Antonina. É analfabeto e ignora seu verdadeiro estado de saúde. Deseja trabalhar em serviços leves. Gastou todo o fundo de previdencia e solicita auxilio da Legião, para comprar remédios.

Falecido em 16.9.47



FONTE: a autora.

FIGURA 15 – MODELO DA ATIVIDADE 3: COMPREENDENDO O DOCUMENTO

The worksheet is titled 'COMPREENDENDO O DOCUMENTO.' and 'CONHECENDO O EXPEDICIONÁRIO.' It contains five numbered questions for each section, followed by dashed lines for writing. At the bottom, there is a silhouette illustration of three people.

COMPREENDENDO O DOCUMENTO.

1. Quem produziu o documento?

2. Quando e onde o documento foi produzido?

3. Qual o objetivo do documento?

CONHECENDO O EXPEDICIONÁRIO.

1. Qual seu nome?

2. Onde vivia?

3. Qual seu estado de saúde?

4. Era alfabetizado?

5. O que solicitava?

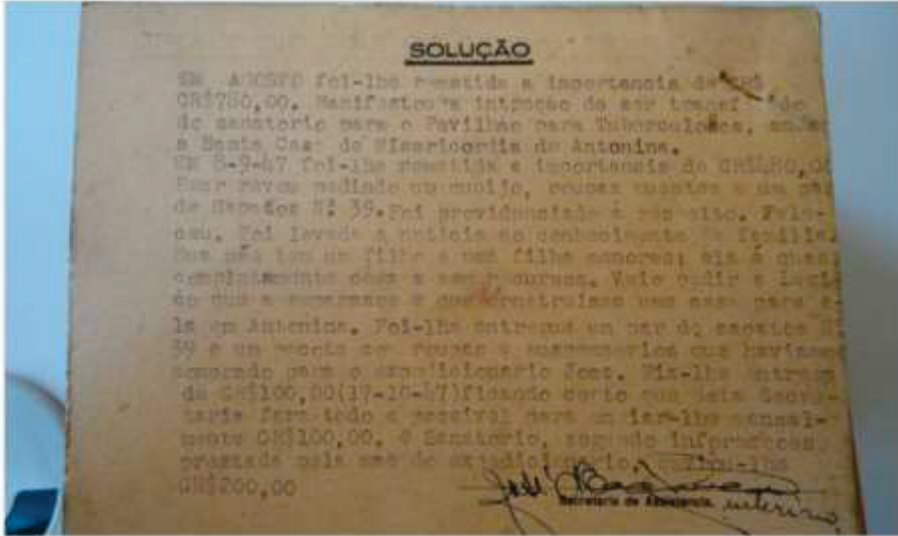


FONTE: a autora.

FIGURA 16 – MODELO DA ATIVIDADE 3 PARA IMPRESSÃO (DOCUMENTO 2)

DESMOBILIZAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E REINTEGRAÇÃO SOCIAL.

Documento 2:



SOLUÇÃO

EM AGOSTO foi-lhe remetida a importância de CR\$780,00. Manifestou a intenção de ser transferido do sanatório para o Pavilhão para Tuberculosos, anexo à Santa Casa de Misericórdia de Antonina.


EM 8-9-47 foi-lhe remetida a importância de CR\$480,00. Escreveu pedindo um queijo, roupas quentes e um par de Sapatos Nº 39. Foi providenciado a respeito. Faleceu. Foi levada a notícia ao conhecimento da família. Sua mãe tem um filho e uma filha menores; ela é quasi completamente cega e sem recursos. Veio pedir á Legião que a amparasse e construísse uma casa para ela em Antonina. Foi-lhe entregue um par de sapatos Nº 39 e um pacote com roupas e suspensórios que havíamos comprado para o expedicionário José. Fiz-lhe entrega de CR\$100,00 (17-10-47) ficando certo que esta Secretaria fará todo o possível para enviar-lhe mensalmente CR\$100,00. O Sanatório, segundo informações prestada pela mãe do expedicionário, enviou-lhe CR\$200,00

Transcrição:

SOLUÇÃO

EM AGOSTO foi-lhe remetida a importância de CR\$780,00. Manifestou a intenção de ser transferido do sanatório para o Pavilhão para Tuberculosos, anexo à Santa Casa de Misericórdia de Antonina.

EM 8-9-47 foi-lhe remetida a importância de CR\$480,00. Escreveu pedindo um queijo, roupas quentes e um par de Sapatos Nº 39. Foi providenciado a respeito. Faleceu. Foi levada a notícia ao conhecimento da família. Sua mãe tem um filho e uma filha menores; ela é quasi completamente cega e sem recursos. Veio pedir á Legião que a amparasse e construísse uma casa para ela em Antonina. Foi-lhe entregue um par de sapatos Nº 39 e um pacote com roupas e suspensórios que havíamos comprado para o expedicionário José. Fiz-lhe entrega de CR\$100,00 (17-10-47) ficando certo que esta Secretaria fará todo o possível para enviar-lhe mensalmente CR\$100,00. O Sanatório, segundo informações prestada pela mãe do expedicionário, enviou-lhe CR\$200,00



FONTE: a autora.

FIGURA 17 – MODELO DA ATIVIDADE 3: COMPREENDENDO O DOCUMENTO

COMPREENDENDO O DOCUMENTO.

11. Quais as novas solicitações?

2. As solicitações foram atendidas?

3. O que aconteceu ao expedicionário?

4. Qual a situação da família do expedicionário?

CONTEXTUALIZANDO O DOCUMENTO.

1. O que as solicitações apresentadas no documento revelam sobre o estado de saúde e a situação econômica dos expedicionários após a desmobilização da FEB?

2. Qual o papel e a importância das Associações de Veteranos, como a Legião Paranaense do Expedicionário?

3. Diante do exposto nos documentos, pode-se afirmar que os expedicionários conseguiram se reintegrar à vida civil após o fim da guerra? Quais as dificuldades encontradas?



FONTE: a autora.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho teve origem em inquietações e contradições surgidas na minha experiência como professora de História em turmas de Ensino Fundamental e Médio, tanto na Rede Estadual como na Rede Privada, no Município de Campo Largo-PR. O grande interesse e curiosidade de meus alunos pela temática da Segunda Guerra Mundial, da participação da Força Expedicionária Brasileira no conflito e do processo de reintegração social dos veteranos, era inversamente proporcional ao material didático disponível sobre esses temas.

Dessa forma, essas inquietações contribuíram para que se buscassem as bibliografias e fontes históricas para a produção de uma Sequência Didática que não só aprofundasse esses temas, mas que também discutisse as questões relativas às diferentes memórias produzidas pelos expedicionários, dando voz especialmente aos soldados paranaenses que tomaram parte no conflito.

Todas as fontes históricas apresentadas na Sequência Didática foram produzidas por expedicionários paranaenses e/ou Instituições sediadas no Estado do Paraná, entretanto, as atividades aqui propostas podem ser aplicadas em qualquer região do Brasil, uma vez que retratam uma realidade experimentada por grande parte, se não pela maioria dos febianos, no que diz respeito ao período de instrução e treinamento, aos combates e as dificuldades enfrentadas no processo de reintegração social.

Sempre considereirei o uso de fontes históricas como parte primordial do meu trabalho em sala de aula, em especial das fontes escritas, valorizando assim a prática da leitura atenta dos documentos, sua interpretação e contextualização, proporcionando aos estudantes novas perspectivas a respeito de temas tão explorados por meio de outras fontes, tais como filmes, fotografias e jogos.

A Sequência Didática aqui apresentada ainda não foi aplicada em sala de aula, mas está prevista para ser aplicada aos alunos da nona série do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Macedo Soares, no Município de Campo Largo – PR, no 2º trimestre do ano letivo de 2024, após já terem sido trabalhadas as temáticas relativas à Era Vargas e à Segunda Guerra Mundial

A relação entre história local e global também se faz presente na aplicação da sequência didática aqui apresentada, o que pode despertar nos estudantes um

maior interesse nos conteúdos abordados, especialmente por se tratar de fontes relacionadas à participação de expedicionários paranaenses e campo-larguenses na Segunda Guerra Mundial.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Maria do Carmo. **Museu do Expedicionário: um lugar de memórias**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), 2001. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/29706/D%20-%20MARIA%20DO%20CARMO%20AMARAL.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 set. 2023.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit_e.pdf. Acesso em: 16 set. 2023.

BARBOSA, H. C. D. de O. **Desafios da História ensinada: construção das memórias sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), 2016. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/174602>. Acesso em: 25 set. 2020.

BARONE, João. **1942: o Brasil e sua guerra quase desconhecida**. 2. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018.

BONALUME NETO, Ricardo. **A nossa Segunda Guerra: os brasileiros em combate, 1942 -1945**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.

BOULOS JR. **História, Sociedade & Cidadania**. 4 ed. São Paulo. FTD, 2018.

FERRAZ, Francisco César Alves. **A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da força expedicionária brasileira (1945-2000)**. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FERRAZ, Francisco César Alves. **Os Livros Didáticos e a Participação Brasileira Na Segunda Guerra Mundial**. Luso-Brazilian Review, vol. 47, no. 1, 2010, pp. 11–39. Disponível em: www.jstor.org/stable/40985171. Acesso em: 15 jul. 2021.

HALBWACKS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Vértice, 1990.

KRZYZANOWSKI, Rubens. **2ª Grande Guerra Mundial: contribuição do Paraná**. Disponível em https://drive.google.com/drive/folders/0B4_vcLWzR_ouXzdYZWpSX0dqUEE?usp=sharing

KOGA, R. M. K. **Memórias dos combatentes de Palmeira na Segunda Guerra Mundial**. Produção didático-pedagógica apresentada à SEED – Secretaria de Estado da Educação, como parte integrante do PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional, UEPG. 2016. Disponível em:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_hist_uepg_rosanemariakosloskikoga.pdf. Acesso em: 26 set. 2020.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em 23 set. 2020.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo, Grua, 2010.

MEC. **PCNs Nível Médio Humanidades**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>

MEC. **BNCC, Disciplina de História**. MEC, Base Nacional Curricular Comum, Níveis Fundamental e Médio 3ª. Versão, Brasília, 2017. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf

MEC, **BNCC Conteúdos de História Nível Fundamental e Médio**. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf

MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2019-pdf/135951-rcp002-19/file> Acessada em 14/07/2020.

MEC. **PNLD 2020: História**. Disponível em https://pnld.nees.com.br/pnld_2020/componente-curricular/pnld2020-historia Acessado em 14/07/2020

M/NC, **Caderno da Política Nacional de Educação Museal (PNEM)**, Disponível em <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf> Acessado em 14/07/2020

MOURA, Maico José. **Histórias de pracinhas: a memória da FEB através dos relatos de ex-combatentes paranaenses**. In: **II Seminário de Estudos sobre a Força Expedicionária Brasileira**, 2 e 3 junho, Curitiba, PR, Brasil: [anais] / Organizado por Dennison de Oliveira / colaborador Cláudio Skora Rosty / editor Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército – Curitiba: [s.n.], 2001. Disponível em: http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2011/10/livro_final.pdf. Acesso em: 21. Set. 2020.

OLIVEIRA, D. Custos humanos da desmobilização da força expedicionária brasileira (FEB): A Legião Paranaense do Expedicionário (LPE) e os feridos, doentes e mutilados da Segunda Guerra Mundial (1947-1956). *Vozes, Pretérito & Devir*, v. 1, p. 165-180, 2013.

OLIVEIRA, Dennison de. **Os soldados alemães de Vargas**. Curitiba: Juruá, 2008.

OLIVEIRA, Dennison de. Reintegração social do ex-combatente no Brasil: o caso da Secretaria de Assistência da Legião Paranaense do Expedicionário - SA/LPE (1946-1960). **Militares e Política** (UFRJ), v. 9, p. 8-23, 2012.

OLIVEIRA, Dennison de (org.). **Guia do Museu do Expedicionário**, 2011.

PEREIRA, Durval Lourenço. **Operação Brasil: o ataque alemão que mudou o curso da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Contexto, 2015

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989. ISSN 2178-1494. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>. Acesso em: 15 out. 2020.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992. ISSN 2178-1494. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 15 out. 2020.

RIBEIRO, P. da S. **Em luto e luta: construindo a memória da FEB**. 2013. 301 f. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) - FGV - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/11296>. Acesso em: 21 set. 2020.

SEED/PR. **Currículo da Rede Estadual Paranaense - CREP**. Curitiba: SEED, 2019. Disponível em: https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-05/crep_historia_2021_anos finais.pdf Acesso em 14/07/2020.

SEED/PR. **Referencial Curricular do Paraná**. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/bncc/2018/referencial_curricular_parana_ cee.pdf Acesso em 14/07/2020.

SOARES, Leonercio. **Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira**. Curitiba, edição do autor, 1984.

SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DA LEGIÃO PARANAENSE DO EXPEDICIONÁRIO – FICHAS INDIVIDUAIS DE ATENDIMENTO A EX-COMBATENTES. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/187pf6Jb7fswlec-CKGXOgoYBZRloep8g>